

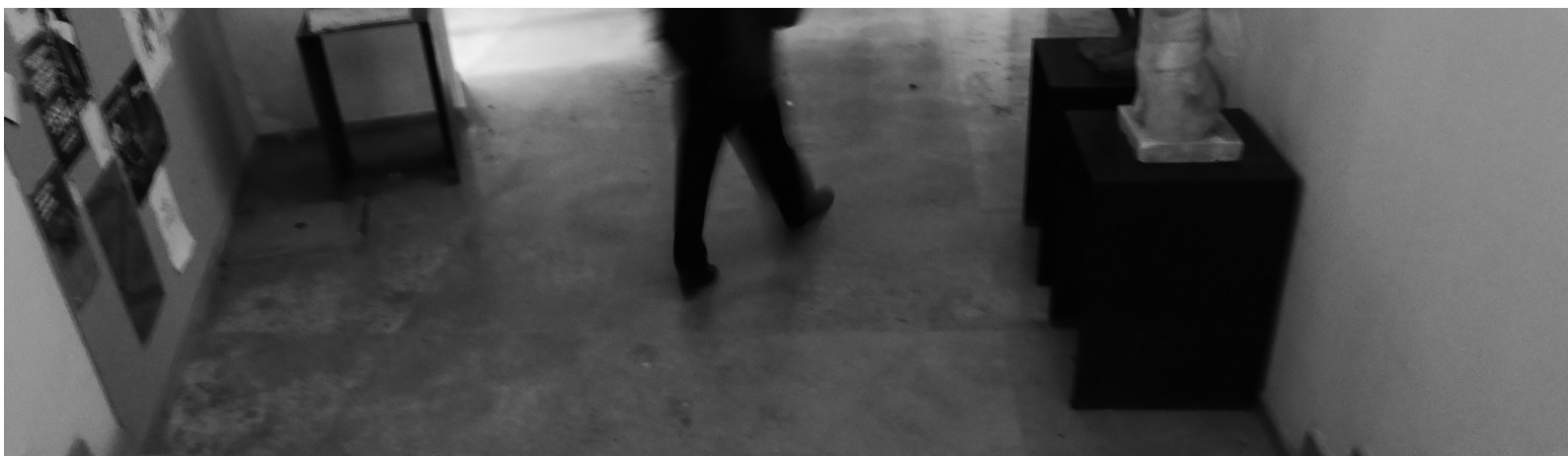
Também sou Artista!

Caso de Estudo na Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto

Joana Baptista Rodrigues Gonçalves Almeida

Relatório de projeto para a obtenção do grau de mestre em Design de Imagem,
realizado sob a orientação do Professor Doutor Vítor Almeida.

2024/2025



Agradecimentos

Ao professor Vítor Almeida que me orientou.

À Patrícia e amigos pela ajuda incondicional.

À minha família que gosto tanto e sempre me incentivou a seguir os meus objetivos.

E ao Hugo pela disponibilidade e paciência que teve comigo.

Resumo

A presente investigação tem como ponto de partida a identificação da falta de acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), problemática que, ainda que frequentemente invisibilizada, representa um entrave significativo à efetivação dos princípios de inclusão, equidade e justiça social no ensino superior. A exclusão física de determinados espaços da faculdade, associada à ausência de respostas institucionais eficazes, compromete o direito pleno à educação e à participação académica de estudantes com deficiência. Este projeto propõe-se, assim, a expor de forma crítica e sensível as barreiras existentes na FBAUP.

Com enfoque numa abordagem qualitativa e de base visual, a investigação assenta na articulação entre análise documental, recolha de dados no terreno e prática artística. As estratégias metodológicas incluem o levantamento e análise de imagens de arquivo da faculdade, a produção de registos fotográficos atuais que documentam obstáculos arquitetónicos, a realização de entrevistas semiestruturadas com estudantes com o estatuto de Necessidades Educativas Específicas, e a criação de um mapeamento sistemático de barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais¹.

Como instrumento central de comunicação e sensibilização, foi desenvolvido um documentário de carácter ensaístico que conjuga estes vários elementos como imagens, testemunhos, observação e arquivo numa narrativa visual que dá visibilidade às

¹ Barreiras atitudinais são atitudes, comportamentos ou preconceitos que impedem ou dificultam a participação plena de pessoas com deficiência na sociedade. Elas são obstáculos invisíveis, muitas vezes baseados em estereótipos e discriminação, que afetam as interações sociais, o acesso a serviços e oportunidades, e a construção de ambientes inclusivos (Instituto Federal da Paraíba, 2022).

experiências vividas por estudantes que enfrentam diariamente limitações impostas pelo espaço físico da instituição. Este objeto audiovisual procura não apenas documentar, mas também provocar reflexão crítica e estimular uma resposta institucional mais comprometida com os princípios da acessibilidade e de inclusão.

O objetivo principal deste trabalho é contribuir para uma maior consciencialização sobre a importância da acessibilidade no contexto do ensino superior artístico, promovendo o debate em torno das responsabilidades das instituições na eliminação de barreiras estruturais e na construção de ambientes acadêmicos inclusivos. Através da combinação entre prática artística, investigação participativa e envolvimento direto da comunidade acadêmica, este projeto procura dar visibilidade a realidades muitas vezes negligenciadas e reforçar o papel da imagem enquanto meio de denúncia, empatia e transformação social.

Em última instância, a investigação visa impulsionar mudanças concretas que conduzam a uma FBAUP verdadeiramente equitativa, onde todos os estudantes, independentemente da sua condição, possam aprender, criar e crescer em igualdade de oportunidades.

Palavras-chaves: acessibilidade, inclusão, documentário, fotografia

Abstract

This research project stems from the identification of the lack of accessibility at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP), a problem which, although often rendered invisible, represents a significant obstacle to the fulfilment of the principles of inclusion, equity and social justice in higher education. The physical exclusion from certain areas of the faculty, combined with the absence of effective institutional responses, undermines the full right to education and academic participation for students with disabilities. This project therefore aims to critically and sensitively expose the barriers that exist at FBAUP, questioning the relationship between architecture, institutional policy, and exclusion.

Focusing on a qualitative and visually driven approach, this research is grounded in the articulation between documentary analysis, field data collection, and artistic practice. The methodological strategies include the gathering and analysis of archival images of the faculty, the production of current photographic records documenting architectural barriers, the conduction of semi-structured interviews with students with disabilities, and the creation of a systematic mapping of physical, communicational, and attitudinal barriers.

As a central tool for communication and awareness-raising, an essayistic documentary was developed, combining these various elements, images, testimonies, observation and archive, into a visual narrative that gives visibility to the lived experiences of students who face daily limitations imposed by the institution's physical environment. This audiovisual work seeks not only to document but also to

foster critical reflection and stimulate a more committed institutional response to the principles of accessibility and inclusion.

The main objective of this project is to contribute to a greater awareness of the importance of accessibility within the context of artistic higher education, promoting debate around the responsibilities of institutions in removing structural barriers and building inclusive academic environments. Through the combination of artistic practice, participatory research, and direct involvement of the academic community, this project aims to shed light on often overlooked realities and to reinforce the role of visual language as a medium for denunciation, empathy and social transformation. Ultimately, the research seeks to promote tangible changes that will lead to a truly equitable FBAUP, where all students, regardless of their condition, can learn, create and thrive on equal terms.

Keywords: accessibility, inclusion, documentary, photography

Lista de Acrónimos

ADA	Americans with Disabilities Act
AMIM	Atestado Médico de Incapacidade Multiuso
BAES	Biblioteca Aberta do Ensino Superior
CAVI	Centro de Apoio à Vida Independente
CRID	Centro de Recursos para a Inclusão Digital
DGE	Direção-Geral da Educação
DGEEC	Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência
DGES	Direção-Geral do Ensino Superior
ELA	Esclerose Lateral Amiotrófica
FBAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
GTAEDES	Grupo de Trabalho para o Apoio de Estudantes com Deficiência no Ensino Superior
INR	Instituto Nacional para a Reabilitação
NEE	Necessidades Educativas Específicas

Lista de Figuras

- Fig. 1 e 2. A Volta ao Mundo Quando Tinhas 30 Anos, Aya Koretzky (2018)
- Fig. 3 e 4. High School, Frederick Wiseman (1968)
- Fig. 5 e 6. Crip Camp: A Disability Revolution, Nicole Newnham e James LeBercht (2020)
- Fig. 7 e 8. The Theory of Everything, James March (2014)
- Fig. 9 e 10. Our World In Our Words (2024)
- Fig. 11. Auditório Aula Magna, 2024
- Fig. 12. Pavilhão de tecnologias, 2024
- Fig. 13. Sala do Livro Antigo, 2024
- Fig. 14. Sala do Livro Antigo, 2024
- Fig. 15 e 16. Registo fotográfico, 2025
Registo das gravações, 2025
- Fig. 17 e 18. Registo das gravações dos depoimentos, 2025
- Fig. 19. Registo do depoimento da Daniela Geraldes, 2025
- Fig. 20. Registo do depoimento da Sofia Costa, 2025
- Fig. 21. Registo do depoimento da Ana Raquel Silva, 2025
- Fig. 22. Frame do documentário “Também sou Artista!”, 2025
- Fig. 23. Frame do documentário “Também sou Artista!”, 2025
- Fig. 24. Pavilhão Sul, 2024
- Fig. 25. Edifício Torre de Conexão (site da FBAUP)
- Fig. 26, 27 e 28. Pavilhão de Tecnologias, 2024
Cerâmica, 2025
Gravura e Fotografia, 2025
- Fig. 29 e 30. Pavilhão de Tecnologias de Madeiras e Metais (site da FBAUP)
- Fig. 31. Pavilhão Carlos Ramos, 2024
- Fig. 32 e 33. Bar, 2025
Edifício Central, 2025
- Fig. 34 e 35. Pavilhão de Exposições, 2024
Loja i2ADS (site livraria i2ADS)

Índice de Conteúdos

1.	Introdução	15
1.1	Apresentação do problema	17
1.2.	Questão de investigação	18
1.3	Motivação	20
1.4.	Objetivos	21
2.	Enquadramento Teórico	23
2.1.	Conceitos de Inclusão e Equidade no Ensino Superior para Estudantes com Deficiência	23
2.2.	Estado da Inclusão e Equidade de Estudantes com Deficiência no Ensino Superior em Portugal: Dados Estatísticos e Estudos	25
2.3.	O Documentário como Ferramenta de Sensibilização e Mudança Social	30
3.	Imagens e realidades - Em busca de imaginários documentais	34
3.1.	Metodologias	47
3.2.	Guião	49
3.3.	Colaborações	56
4.	Proposta de Intervenção	57
4.1.	Pré-produção	58
4.2.	Produção	62
4.3.	Pós-produção	67
4.4.	Output	71
4.5.	Levantamento da Acessibilidade Arquitetónica na FBAUP – Notas por Edifício	72
5.	Considerações finais	77
5.1.	Perspetivas de desenvolvimentos futuros	78
6.	Conclusão	80
	Bibliografia e sites consultados	83
	Eventos relacionados com a inclusão	88
	Anexos	89

1. Introdução

A falta de acessibilidade no ensino superior representa uma barreira significativa para estudantes com deficiência, comprometendo o direito fundamental à igualdade de oportunidades. Este problema não apenas limita o acesso físico a espaços de aprendizagem, mas também afeta diretamente a participação plena e equitativa destes alunos na vida acadêmica. A ausência de rampas, elevadores, corrimões e outros elementos essenciais cria um ambiente que exclui, reforçando desigualdades e desrespeitando os princípios de equidade e inclusão.

Este estudo nasceu da observação direta da falta de condições de acessibilidade na FBAUP, um problema que afeta o direito fundamental de acesso igualitário à educação. Assim, neste contexto, existem estas barreiras que comprometem a experiência de muitos colegas que já frequentam esta faculdade, como também aqueles que vão entrar.

Através deste projeto, pretende-se dar visibilidade a esta problemática, utilizando o documentário como ferramenta para amplificar as vozes dos estudantes, sensibilizar a comunidade e incentivar a mudanças concretas. É necessário que a inclusão seja uma prioridade em todas as instituições de ensino, e este trabalho é um passo nessa direção.

A acessibilidade no ensino superior é fundamental para garantir a igualdade de oportunidades e inclusão para todos os estudantes, independentemente das suas capacidades ou necessidades específicas.

Ao assegurar a acessibilidade, as instituições contribuem para o desenvolvimento pleno dos seus alunos, respeitando os direitos humanos e fortalecendo uma sociedade mais justa e inclusiva. Além disso, uma universidade acessível beneficia não apenas estudantes com deficiência, mas toda a comunidade acadêmica, ao fomentar valores como diversidade, empatia e inovação nas abordagens educativas. No contexto atual, em que a inclusão é uma prioridade global, o compromisso com a acessibilidade no ensino superior não é apenas uma obrigação ética, mas também um motor para a mudança social.

Por sua vez, o cinema tem um poder único de sensibilizar, informar e inspirar mudanças sociais, funcionando como uma ferramenta poderosa de comunicação e empatia. Ao utilizar o documentário como meio, é possível amplificar as vozes dos estudantes que enfrentam barreiras de acessibilidade, dando rosto e voz a uma realidade muitas vezes invisibilizada. Por meio de narrativas visuais, é possível através de testemunhos emocionantes e imagens marcantes, o cinema permite que o público conheça e compreenda a profundidade do problema de forma mais íntima, conectando-se com a causa. Além disso, o formato audiovisual tem a capacidade de alcançar um público amplo e diversificado.

Ao provocar a reflexão e estimular o debate, o cinema pode incentivar a comunidade acadêmica e a sociedade em geral a agir, promovendo uma maior compreensão sobre a importância da acessibilidade e impulsionando mudanças concretas. É um veículo que transforma a consciencialização em ação, mobilizando esforços coletivos para construir um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo.

O cinema não só serve para transmitir mensagens, mas também cria experiências

imersivas que apelam às emoções e despertam empatia, estimulam o olhar sobre o outro. Quando um espectador se depara com a realidade vivida por estudantes com deficiência, desde as dificuldades em aceder às salas de aula até os desafios de circular pelos espaços não adaptados ele passa a compreender a urgência da questão de forma mais pessoal e tangível.

Além disso, o cinema tem o poder de moldar narrativas, destacando as injustiças de maneira acessível e impactante. Num mundo onde o audiovisual domina a comunicação, um documentário sobre os problemas de acessibilidade pode não apenas sensibilizar, mas também servir como um registo histórico e educativo, incentivando futuros debates e políticas sobre inclusão no ensino superior.

O impacto do cinema reside também na sua capacidade de criar diálogos. Após verem um documentário, as pessoas são frequentemente levadas a discutir o tema, partilhar experiências e refletir sobre soluções. Essa dinâmica gera uma onda de conscientização que pode alcançar tomadores de decisão, como gestores universitários e legisladores, encorajando-os a priorizar a acessibilidade.

1.1 Apresentação do problema

A acessibilidade no ensino superior é um direito fundamental que garante a equidade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente das suas capacidades físicas ou necessidades específicas. No entanto, a realidade enfrentada por muitos alunos com deficiência em Portugal revela um cenário de exclusão e obstáculos estruturais que comprometem o seu percurso académico. A Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) não é exceção, havendo diversas

barreiras que dificultam ou impossibilitam o acesso aos seus espaços.

A inexistência de rampas adequadas, a ausência de corrimões em edifícios essenciais, a largura insuficiente de portas e corredores, e a falta de casas de banho adaptadas são alguns dos principais problemas identificados. Estes fatores não só limitam a mobilidade dos estudantes com deficiência, como também criam um ambiente hostil que desmotiva e, em muitos casos, leva ao abandono do ensino superior.

A situação na FBAUP reflete um problema estrutural mais amplo no ensino superior português. Apesar da legislação atual, como o Decreto-Lei n.º 125/2017, que estabelece a acessibilidade como um critério obrigatório em edifícios públicos, verifica-se que muitas instituições continuam sem cumprir plenamente estas normas. Esta falta de adaptação não se deve apenas a dificuldades técnicas ou financeiras, mas também a uma ausência de sensibilização e vontade política para tornar o ensino verdadeiramente inclusivo.

Os impactos da inacessibilidade vão além do espaço físico e afetam diretamente o rendimento académico e emocional dos estudantes. A impossibilidade de assistir a aulas em determinadas salas, a dependência de terceiros para se deslocarem dentro do campus e a sensação de exclusão social criam um ambiente desigual que compromete o princípio de equidade no ensino superior.

1.2. Questão de investigação

Como já referido, a inclusão e equidade no ensino superior é um direito fundamental que deve ser garantido a todos os estudantes, independentemente das suas capacidades ou necessidades específicas. No entanto, a falta de acessibilidade

em espaços como a FBAUP revela desafios que precisam de ser urgentemente melhorados. Para isso, é essencial dar visibilidade às dificuldades enfrentadas por estudantes com deficiência, além disso, o envolvimento de toda a comunidade, desde estudantes e professores até os responsáveis pela gestão da faculdade, é fundamental para criar um senso de responsabilidade coletiva.

Sendo assim, as questões para o projeto de investigação a ser desenvolvido são:

Como incentivar a melhoria de espaços com falta de acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto para se tornar uma faculdade para todos?

Como o cinema pode contribuir para a consciencialização destas questões?

Ouvir os estudantes afetados e desenvolver planos de ação com metas específicas e realizáveis são passos importantes para transformar a FBAUP num espaço para todos. Estabelecer parcerias institucionais e envolver especialistas na área de acessibilidade pode vir a fazer a diferença para este projeto e para o futuro da faculdade.

Este trabalho não se limita à construção de rampas e corrimões, mas à criação de um ambiente inclusivo que valorize a diversidade e que garanta os talentos e trabalhos diversos destes alunos sem limitações.

1.3 Motivação

A motivação para a realização deste estudo surge da necessidade urgente de garantir que o ensino superior seja acessível a todos, sem exceção. A acessibilidade nas universidades não deve ser um privilégio, mas sim um direito fundamental, assegurando que todos os estudantes possam usufruir plenamente dos espaços e recursos académicos. No entanto, a realidade da FBAUP demonstra que ainda há um longo caminho a percorrer para que este direito seja efetivamente cumprido.

Enquanto estudante desta instituição e também aluna com deficiência, tive a oportunidade de observar diretamente as dificuldades enfrentadas por colegas com deficiência, que se deparam diariamente com obstáculos que limitam a experiência académica. O acesso a salas de aula, biblioteca, oficinas e outros espaços essenciais nem sempre é garantido, criando um ambiente que contradiz os princípios de equidade e inclusão que deveriam reger o ensino superior. Em alguns casos, estas dificuldades são tão severas que acabam por forçar os estudantes a abandonar o curso, não por falta de mérito e dedicação, mas pela impossibilidade de frequentar a faculdade em condições dignas. Estes aspetos irão ser desenvolvidos mais a frente.

A escolha do documentário como meio para expor esta problemática deve-se ao seu poder de sensibilização e impacto social. O audiovisual permite dar voz às pessoas diretamente afetadas, transmitir as suas experiências de forma autêntica e evidenciar, de maneira visual e emotiva, as dificuldades que enfrentam. Mais do que denunciar um problema, este projeto pretende incentivar a reflexão crítica e fomentar mudanças concretas dentro da FBAUP e, idealmente, noutras instituições de ensino superior.

Desta forma, este estudo é motivado não só pela necessidade de documentar as barreiras existentes, mas também pelo desejo de promover uma educação mais justa, equitativa e acessível. A inclusão não pode ser vista como uma questão secundária, mas sim como um princípio de qualquer sociedade que se queira verdadeiramente democrática e igualitária.

1.4. Objetivos

O presente projeto tem como principal objetivo investigar e expor criticamente as barreiras de acessibilidade existentes na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com especial enfoque nas experiências de estudantes com deficiência. Através de uma abordagem metodológica que articula investigação teórica, recolha visual, entrevistas e prática artística, pretende-se dar visibilidade a uma realidade frequentemente silenciada no contexto do ensino superior artístico.

A construção de um documentário de cariz ensaístico constitui o núcleo criativo e comunicativo do projeto, assumindo-se como ferramenta de sensibilização, denúncia e mobilização coletiva.

Através de imagens de arquivo, fotografias atuais, registos de obstáculos arquitetónicos e testemunhos de estudantes, o documentário procura representar, de forma sensível e crítica, o impacto real da inacessibilidade no quotidiano académico.

De forma mais específica, este projeto propõe-se a:

- Documentar as condições de acessibilidade da FBAUP através de registos fotográficos, visuais e sonoros, com foco nos edifícios, percursos e infraestruturas;
- Recolher e integrar testemunhos de estudantes com deficiência, dando voz às suas experiências, dificuldades e expectativas;
- Criar um objeto audiovisual que articule conteúdo estético e político, capaz de sensibilizar a comunidade académica e institucional para as questões da inclusão;
- Contribuir para a reflexão crítica sobre a acessibilidade no ensino superior em Portugal, articulando dados estatísticos, referências legislativas e perspetivas de especialistas;

Mais do que apresentar um diagnóstico, este projeto tem como ambição estimular o diálogo e a ação em torno da construção de uma FBAUP mais acessível, onde todos os estudantes possam desenvolver o seu percurso académico em igualdade de oportunidades.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Conceitos de Inclusão e Equidade no Ensino Superior para Estudantes com Deficiência

Para uma compreensão aprofundada da temática, é fundamental estabelecer definições claras e abrangentes de “inclusão” e “equidade” no contexto específico do ensino superior para pessoas com deficiência. A inclusão, neste âmbito, vai além da mera presença física de estudantes com deficiência nas instituições de ensino superior. Envolve uma transformação fundamental na forma como os ambientes de aprendizagem e os sistemas sociais são concebidos e implementados, de modo a acomodar toda a diversidade humana, incluindo as necessidades específicas das pessoas com deficiência. Segundo Catarina Oliveira, a inclusão implica a construção de uma sociedade em que todas as pessoas, independentemente das suas características, possam participar plenamente em todos os domínios da vida (Oliveira, 2021). Este conceito pressupõe a remoção de barreiras atitudinais, físicas e comunicacionais, garantindo que todos os estudantes possam participar plenamente na vida académica e social das instituições de ensino superior.

Por sua vez, a equidade diferencia-se da igualdade ao reconhecer que os estudantes com deficiência podem enfrentar desvantagens iniciais e, portanto, necessitam de apoio e recursos específicos para alcançar resultados justos e comparáveis aos dos seus colegas sem deficiência. Enquanto a igualdade defende o tratamento uniforme para todos, a equidade exige uma abordagem mais personalizada, que leve em consideração as diversas necessidades e circunstâncias individuais. No contexto português, a equidade é valor central no ensino superior, conforme evidenciado por

políticas nacionais (Decreto Lei n.º 54/2018). A equidade implica a disponibilização de acomodações razoáveis, serviços de apoio adequados e a criação de ambientes que valorizem a diversidade e promovam o sucesso académico de todos (Ensino Superior + Inclusivo, 2024).

A inclusão e a equidade não são conceitos isolados, mas sim interligados e mutuamente reforçadores. Uma instituição de ensino superior verdadeiramente inclusiva é aquela que não só acolhe estudantes com deficiência, mas que também implementa práticas equitativas que lhes permitem participar plenamente e alcançar o sucesso académico em igualdade de oportunidades.

Finalmente, deve-se ainda referir que os serviços de apoio desempenham um papel crucial na promoção da inclusão no ensino superior. Em Portugal, o Grupo de Trabalho sobre Serviços de Apoio para Estudantes com Deficiência no Ensino Superior (GTAEDDES) tem sido fundamental na promoção de uma melhor qualidade de serviço e na colaboração entre as instituições. O GTAEDDES compilou um “Diretório dos Serviços de Apoio para Estudantes com Deficiência no Ensino Superior”, que auxilia estudantes com deficiência a encontrar informações sobre os recursos e funcionalidades oferecidos por diferentes instituições. (GTAEDDES, 2023). Este diretório, disponível online, permite pesquisar serviços de apoio por tipo de instituição (pública ou privada) e por distrito. O GTAEDDES também disponibiliza recursos online, como a Biblioteca Aberta do Ensino Superior (BAES) e a Plataforma de Acessibilidade para o Ensino Superior (PLACES).

A legislação portuguesa, nomeadamente o Decreto-Lei nº 54/2018, estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, definindo princípios e medidas para garantir a

participação plena e efetiva de todos os alunos, incluindo aqueles com necessidades educativas específicas. A análise deste diploma legal e de outras políticas relevantes visa compreender como a inclusão é enquadrada no ensino superior e como as instituições, apesar da sua autonomia, interpretam e aplicam estas diretrizes.

2.2. Estado da Inclusão e Equidade de Estudantes com Deficiência no Ensino Superior em Portugal: Dados Estatísticos e Estudos

A análise de dados estatísticos provenientes de fontes como o Instituto Nacional de Estatística (INE) e a Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) é fundamental para compreender a representação, o acesso, a participação e o sucesso académico de estudantes com deficiência no ensino superior português. A comparação destes dados ao longo do tempo permite identificar tendências e avaliar a eficácia das iniciativas de inclusão. Estudos académicos e relatórios de instituições como o Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR) e grupos de trabalho sobre o acesso ao ensino superior fornecem informações qualitativas e quantitativas adicionais sobre a experiência destes estudantes.

Nas últimas décadas, o Ensino Superior português tem procurado evoluir no sentido de uma maior democratização do acesso, com especial atenção à inclusão de grupos historicamente marginalizados, entre os quais se incluem os estudantes com deficiência. Apesar dos avanços legislativos e de um maior reconhecimento dos direitos destas pessoas, o sistema de ensino superior continua a revelar fragilidades estruturais e práticas pouco inclusivas (Revista Letras, 2024). Neste capítulo propõe-se analisar o estado atual da inclusão e da equidade no Ensino Superior em Portugal, com enfoque na experiência de estudantes com deficiência, e destacar o contributo

de projetos de base estudantil, como o Ensino Superior + Inclusivo, que têm vindo a assumir um papel fundamental nesta discussão.

De acordo com dados recentes divulgados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), o número de estudantes com Necessidades Educativas Específicas (NEE) no Ensino Superior português mais do que duplicou num período de cinco anos, passando de 2.311 em 2019/2020 para 5.309 em 2023/2024, o que representa cerca de 1,5% do total de estudantes inscritos (DGEEC, 2024). Este crescimento traduz-se num aparente progresso na inclusão, mas contrasta com um conjunto de dificuldades estruturais ainda bastante presentes no quotidiano académico.

Um dos principais problemas reside no acesso. O contingente especial para estudantes com deficiência, criado com o intuito de facilitar a entrada no ensino superior, sofreu alterações em 2023 que acabaram por gerar obstáculos acrescidos. As novas regras introduziram exigências documentais mais complexas, como a necessidade de apresentação de relatórios técnico-pedagógicos, além do habitual Atestado Médico de Incapacidade Multiuso (AMIM) (Público, 2024). Como consequência direta, registou-se uma quebra de 54% nas colocações através deste contingente, de 440 estudantes em 2022 para apenas 201 em 2023. Este dado revela um retrocesso preocupante nas políticas de acesso equitativo, sobretudo considerando o aumento global de candidatos ao Ensino Superior.

A permanência dos estudantes com deficiência no sistema universitário é igualmente desafiante. Questões como a ausência de acessibilidades arquitetónicas, a escassez de apoios humanos (assistência pessoal), e a falta de materiais adaptados continuam a comprometer o percurso académico de muitos. De acordo com o *Guia do*

Estudante Universitário com Deficiência, as falhas vão desde elevadores avariados até à ausência de alojamento universitário acessível, obrigando alguns estudantes a abdicar dos estudos ou a viver experiências académicas muito condicionadas (Ensino Superior + Inclusivo, 2024).

Apesar das dificuldades, existem instrumentos legais e apoios específicos pensados para responder às necessidades desta população estudantil. Entre os mais relevantes encontram-se:

- Contingente para estudantes com deficiência: garante o acesso prioritário a determinados cursos mediante apresentação de prova de incapacidade igual ou superior a 60%.
- Estatuto de Estudante com Necessidades Educativas Específicas (NEE): permite solicitar medidas como aulas à distância, tempo adicional nas avaliações, tutoria especializada, entre outras.
- Bolsa de estudos para estudantes com deficiência (DGES): independente da situação socioeconómica, visa compensar desigualdades de acesso.
- Assistência pessoal: serviço gratuito prestado por Centros de Apoio à Vida Independente (CAVI), que permite apoio nas atividades diárias de estudantes com elevado grau de dependência.

Contudo, a aplicação destes apoios nem sempre é uniforme. O acesso a alojamento adaptado, por exemplo, depende da capacidade e boa vontade de cada instituição. Segundo o projeto Ensino Superior + Inclusivo, muitas universidades não garantem sequer a existência de um quarto adaptado por residência universitária, nem atribuem prioridade no processo de colocação (Ensino Superior + Inclusivo, 2024).

Além disso, apenas 64,2% das instituições afirmaram, em 2023, possuir serviços especializados de apoio a estudantes com NEE, e menos de 20% têm unidades capazes de produzir materiais pedagógicos adaptados (ODDH, 2024).

Face à insuficiência de respostas institucionais, têm surgido iniciativas lideradas por estudantes com o objetivo de preencher estas lacunas. Um exemplo paradigmático é o projeto Ensino Superior + Inclusivo, criado por quatro estudantes universitários com deficiência de diferentes áreas científicas, na sequência do SummerCEmp 2023. O projeto procura estudar e divulgar as dificuldades vividas pelos estudantes com deficiência, propor soluções concretas e pressionar as instituições para práticas mais inclusivas (Guia do Estudante Universitário com Deficiência, 2024).

Para além da produção de conteúdos informativos, o projeto desenvolveu o Guia do Estudante Universitário com Deficiência, um manual de grande utilidade prática, que explica passo a passo como aceder a apoios, candidatar-se pelo contingente especial ou solicitar assistência pessoal. A sua atuação inclui ainda o apoio direto a estudantes, o trabalho em rede com outras entidades e a organização de eventos e sessões de sensibilização (Guia do Estudante Universitário com Deficiência, 2024).

Importa referir que este projeto, com o qual colabora diretamente neste projeto, tem contribuído não só para uma maior consciencialização das dificuldades existentes, como também para a criação de redes de suporte e mobilização cívica em torno do direito à educação em igualdade de condições. A inclusão no Ensino Superior não se esgota na entrada no sistema. Exige transformações estruturais e culturais profundas que garantem não só o acesso, mas também a permanência e o sucesso dos estudantes com deficiência. A articulação entre políticas públicas eficazes,

práticas institucionais coerentes e o envolvimento direto dos próprios estudantes é essencial para a construção de um ensino superior verdadeiramente inclusivo.

Apesar das dificuldades ainda sentidas, é inegável que o debate está lançado, e que projetos como o Ensino Superior + Inclusivo têm um papel determinante na mudança de paradigma.

A inclusão de perspetivas académicas com dimensão prática fortalece significativamente este estudo, sendo a intervenção de Célia Sousa particularmente relevante. Célia Sousa, Professora Doutorada em Ciências da Educação e coordenadora do Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) no Politécnico de Leiria, é uma figura de referência no campo da inclusão e das tecnologias de apoio.

Entre os seus contributos mais notáveis está a criação de livros multiformato que combinando texto, braille, pictogramas e vídeo livros em Língua Gestual Portuguesa que democratizam o acesso à leitura para pessoas com diferentes tipos de deficiência. (POLITÉCNICO DE LEIRIA – PLIP, 2025). Célia Sousa tem sido incisiva ao identificar falhas no sistema de ensino, afirmando que:

“Quando um estudante com deficiência chega ao ensino superior, a instituição que o recebe tem pouca ou nenhuma informação sobre o seu passado”

“Nenhum professor deve sair do ensino superior sem um seminário para perceber aspetos básicos sobre a deficiência”

Mais recentemente, o seu trabalho foi distinguido internacionalmente, ao ser agraciada em março com o Colar do Mérito “Pedro, O Libertador” concedido pela

Universidade Federal do Rio de Janeiro, em reconhecimento à sua liderança no desenvolvimento de recursos digitais inclusivos e ao impacto do CRID no campo da educação inclusiva (SIC Notícias, 2023).

Estas contribuições conferem legitimidade técnica e ética às propostas formuladas nesta investigação. O discurso de Célia Sousa acerca da ausência de continuidade entre ciclos de ensino e da falta de planeamento institucional, aliado ao reconhecimento internacional do seu trabalho, reforçam a urgência de ações coordenadas que incluam práticas audiovisuais, pedagógicas e tecnológicas como parte de uma mudança sistémica necessária.

2.3. O Documentário como Ferramenta de Sensibilização e Mudança Social

Considerando o âmbito dos media de comunicação audiovisual, O documentário historicamente tem-se afirmado como um dos géneros audiovisuais mais eficazes na reflexão crítica e na sensibilização para problemáticas sociais. Pela sua natureza observacional e pela capacidade de representar as realidades, individuais ou coletivas, potenciando uma maior proximidade, o documentário permite dar voz a grupos frequentemente silenciados, contribuindo para a consciencialização pública, o debate democrático e, em muitos casos, para a transformação de mentalidades e políticas. Em Portugal, esta vertente do cinema tem vindo a ganhar relevância, sobretudo em contextos educativos, culturais e de ativismo social (Acesso Cultura, 2023).

Ao contrário das obras ficcionais, os documentários tendem a basear-se em testemunhos reais, arquivos históricos, dados estatísticos e experiências vividas,

o que lhes confere um forte potencial de impacto emocional e legitimidade social. No que diz respeito à divulgação da inclusão e da acessibilidade, este género tem permitido explorar, de forma crítica e aprofundada, as barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência em diversos contextos: nomeadamente no espaço público, na educação, no emprego, na participação cultural, etc.

Em Portugal, embora ainda escassos, existem exemplos relevantes de documentários e projetos audiovisuais com foco na acessibilidade. Um dos exemplos mais significativos é o trabalho desenvolvido pela associação Acesso Cultura, que tem vindo a promover a criação e a divulgação de conteúdos sobre inclusão em espaços culturais. Uma dessas iniciativas é a publicação 10+1 | Acesso, participação e democracia cultural: visões e experiências, que reúne conversas com dez estruturas culturais e colegas com quem a Acesso Cultura tem colaborado de diferentes formas (Acesso Cultura, 2023). Esta publicação oferece matéria para pensar o acesso, a participação e a democracia cultural em Portugal.

Para além dos exemplos institucionais, importa destacar o papel de documentários independentes que abordam temas como a exclusão, a diversidade funcional e a luta pelos direitos humanos. Embora nem sempre integrados nos circuitos comerciais, estes filmes circulam em festivais como a Mostra AMPLA – Cinema Inclusivo, realizada anualmente em Lisboa e noutros pontos do país. Esta mostra dedica-se à exibição de obras acessíveis e comprometidas com causas sociais, promovendo o encontro entre criadores, ativistas e público, e reforçando o papel do documentário como espaço de diálogo e mobilização cívica (Mostra AMPLA, 2025).

Como defendem autores como Michael Renov, o documentário “regista, revela ou preserva; persuade ou promove; analisa ou interroga; e expressa” (Renov, 1993), funções fundamentais no contexto das lutas sociais e políticas. O documentário, nesse sentido, não é apenas uma janela para o mundo, mas um meio ativo de representação e intervenção, como destaca Bill Nichols ao lembrar que “os modos documentais não apenas refletem a realidade, mas moldam a forma como a compreendemos” (Nichols, 2010).

Nick Fraser, editor da BBC Storyville, reforça esta ideia ao afirmar que os documentários “fazem muitas coisas por nós, a maioria delas boas” (Fraser, 2012), sublinhando o seu potencial de ultrapassar as fronteiras do jornalismo e da ficção na construção de sentido social. Segundo Fraser, o documentário não é apenas uma forma de entretenimento ou um registo de eventos, mas uma arte viva, híbrida e resistente, com capacidade para nos ajudar a “dizer o que aconteceu”, mesmo quando os factos são complexos, dolorosos ou invisíveis para os discursos dominantes (Fraser, 2012).

Neste quadro teórico, os modos de representação documental propostos por Bill Nichols tornam-se ferramentas úteis para compreender as escolhas formais e narrativas de quem realiza documentários. O modo expositivo, por exemplo, caracteriza-se pela sua vocação retórica, utilizando frequentemente voz-off e imagens ilustrativas para construir um argumento lógico e direto. O modo observacional, por sua vez, privilegia a espontaneidade e a não-intervenção, deixando que a realidade se revele sem a interferência visível do realizador. Já o modo participativo pressupõe a presença do cineasta na ação, criando uma relação dialógica com os sujeitos filmados e tornando visível o seu envolvimento na narrativa (Nichols, 2010).

O modo reflexivo questiona os próprios mecanismos da representação, destacando a artificialidade do processo documental e problematizando a ideia de objetividade. O modo poético, mais próximo das vanguardas artísticas, procura criar atmosferas sensoriais e subjetivas através da fragmentação narrativa, enquanto o modo performativo enfatiza a expressão subjetiva do realizador, cruzando frequentemente experiências pessoais com posicionamentos políticos (Nichols, 2010).

Neste contexto, o documentário revela-se não apenas como reflexo da realidade, mas também como um meio ativo de transformação. A sua capacidade de expor desigualdades, de interpelar diretamente o espectador e de gerar empatia social torna-o numa ferramenta particularmente poderosa no combate à invisibilidade das pessoas com deficiência. Ao dar visibilidade a experiências concretas e ao evidenciar a necessidade de reformas estruturais, o documentário contribui para a construção de uma sociedade mais consciente, informada e inclusiva.

3. Imagens e realidades - Em busca de imaginários documentais

Este estudo parte de uma reflexão sobre a falta de inclusão no ensino superior, mais especificamente na FBAUP, e obras audiovisuais que exploram a narrativa documental como meio privilegiado para abordar questões sociais e humanas, reconhecendo o papel do cinema enquanto ferramenta de sensibilização, denúncia e reflexão crítica. Considerando a vastidão e diversidade de experiências cinematográficas neste domínio, com maior ou menor impacto no espaço mediático e cultural, importa esclarecer que, tendo em conta a natureza prática e artística deste projeto, a presente pesquisa de referências não pretende constituir um levantamento exaustivo de todas as obras inseridas neste universo temático.

Antes, opta-se por destacar um conjunto de filmes que, pela sua especificidade documental, pelos temas abordados, pela singularidade metodológica ou ainda pela força da sua expressão estética e simbólica, revelaram-se particularmente relevantes para o enquadramento conceptual e criativo deste trabalho. São obras que, de forma direta ou indireta, influenciaram o processo de construção do documentário aqui desenvolvido, seja através da sua abordagem à inclusão e à diferença, seja pela forma como articulam linguagem cinematográfica e compromisso social.

Neste contexto, referem-se de seguida algumas obras referenciais que serviram de estímulo teórico, visual e sensível ao desenvolvimento do projeto.

A Volta ao Mundo Quando Tinha 30 Anos (2018)

A Volta ao Mundo Quando Tinha 30 Anos (2018), realizado por Aya Koretzky, é um filme que conjuga elementos de documentário e ficção para explorar temas como a passagem do tempo, a experiência das viagens e o amadurecimento pessoal. A narrativa parte da vivência real do pai da realizadora, que, aos 30 anos, decidiu fazer uma viagem à volta do mundo, documentando-a através de diários e fotografias. O filme assume, assim, um carácter autobiográfico, ao cruzar a experiência pessoal da autora com a do seu pai, fotógrafo, criando um elo íntimo entre gerações e uma reflexão sobre recordações, memória e pertença. Este cruzamento de olhares, o do pai que viveu a viagem, e o da filha que a revisita e reinterpreta, permite construir uma narrativa que transcende o registo documental, tornando-se também um gesto de escuta, reaproximação e reconstrução afetiva. A realizadora reencena o passado a partir dos vestígios que este deixou, confrontando a distância temporal com a proximidade emocional, e dando voz às histórias que habitam os arquivos da família. Neste processo, a viagem transforma-se não apenas num percurso físico, mas também em algo emocional, onde o cinema se afirma como espaço privilegiado de evocação, diálogo e reconfiguração da identidade (Koretzky, 2018).

Através de uma abordagem poética e contemplativa, a obra constrói-se a partir de imagens de arquivo, cartas e gravações de voz, criando uma atmosfera nostálgica que convida à introspeção. O documentário desenvolve-se formalmente através do recurso predominante de fotografias captadas pelo pai da realizadora, que assume um papel central na composição visual e no desenrolar da narrativa. Estas imagens estáticas, com uma carga emocional e temporal significativa, funcionam como fragmentos de memória que moldam o ritmo do filme e orientam a sua estrutura

narrativa. Longe de serem simples ilustrações, as fotografias ganham uma nova vida no contexto cinematográfico, sendo reinterpretadas através da montagem, da narração e da música. O olhar da filha observa, amplia e contextualiza o olhar do pai. Esta escolha reforça o carácter íntimo do filme e sublinha o gesto de revisitação do passado através de fragmentos visuais e textuais que adquirem novas camadas de significado.

O filme reflete sobre a juventude, o autoconhecimento e a relação entre o passado e o presente, estabelecendo um diálogo entre memória pessoal e representação cinematográfica (Zero em Comportamento, 2018). Neste sentido, *A Volta ao Mundo Quando Tinhas 30 Anos* pode ser também compreendido como um filme-ensaio de natureza autoral, marcado por um estilo poético que se aproxima da escrita diarística e da contemplação. A realizadora constrói uma narrativa íntima e fragmentária, onde a voz, a imagem e o tempo se entrelaçam para formar uma reflexão pessoal sobre a memória, a viagem e a herança familiar. Tal como num diário visual, o filme não obedece a uma linearidade convencional, mas segue antes o fluxo da recordação e da emoção, guiando o espectador por camadas de sentidos e sensibilidades. Este registo permite à autora questionar, interpretar e dar novo significado aos vestígios do passado, ao mesmo tempo que afirma a sua presença enquanto realizadora.

O resultado é uma obra que ultrapassa os limites do documentário tradicional, posicionando-se no espaço liminar entre o íntimo e o universal, entre o real e o poético. A subjetividade da autora revela-se tanto na escolha do material como no modo como o organiza, sugerindo uma leitura íntima, contemplativa e sensorial da experiência da viagem.

Do ponto de vista da linguagem visual, o filme destaca-se pela composição cuidada dos enquadramentos, pela textura das imagens de arquivo e pelo ritmo pausado da montagem. A justaposição entre imagens estáticas (fotografias) e elementos em movimento reforça o contraste entre o registo do passado e a sua revisitação no presente. A utilização da luz natural e das cores suaves contribui para a criação de uma estética intimista e melancólica, coerente com a dimensão emocional do relato.

Adicionalmente, o som desempenha um papel fundamental, com uma banda sonora minimalista que valoriza os silêncios, as leituras das cartas e as gravações originais, proporcionando momentos de contemplação e a imersão do espectador. Esta combinação entre som e imagem reforça o carácter sensorial da obra e sustenta a sua carga poética e subjetiva.

Importa referir que *A Volta ao Mundo Quando Tinha 30 Anos* não procura oferecer respostas conclusivas, mas antes propor uma viagem sensorial e emocional. A obra enfatiza a ideia de que as deslocações geográficas podem traduzir-se em transformações interiores profundas, ressoando particularmente junto de espectadores que reconhecem na viagem um gesto de reencontro consigo próprios.



Fig. 1 e 2.
*A Volta ao Mundo
Quando Tinha 30
Anos*, Aya Koretzky
(2018)



High School (1968)

High School (1968), realizado por Frederick Wiseman, oferece um olhar atento e crítico sobre o ambiente educacional da Northeast High School, na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos. Filmado ao longo de cinco semanas, entre março e abril de 1968, o filme capta interações do cotidiano entre estudantes, professores, pais e administradores, proporcionando uma visão detalhada das dinâmicas institucionais e sociais da época (Wikipedia, 2024).

Wiseman, conhecido pelo seu estilo de cinema direto, evita narração ou entrevistas formais, permitindo que as imagens e diálogos falem por si (Nichols, 2010 e Rosenthal & Corner, 2005). Através de sequências cuidadosamente selecionadas, o documentário expõe a ênfase da escola na disciplina, na conformidade e na transmissão de valores sociais, para além do currículo acadêmico. O retrato que emerge é o de uma instituição que não só ensina conteúdos programáticos, mas também reforça normas culturais e expectativas da sociedade dos anos 1960 .



Fig. 3 e 4.
High School, Frederick
Wiseman (2018)

O modo como o realizador filma é particularmente significativo: Wiseman coloca-se discretamente nos espaços escolares, ao ponto de se tornar praticamente invisível para os que ali circulam e interagem. Essa presença quase impercetível permite-lhe aceder a momentos de grande naturalidade, apanhando situações que, de outro modo, poderiam permanecer inacessíveis à câmara. Este aspeto torna-se particularmente evidente nas sequências filmadas na sala dos professores (em conversas entre os professores) e nos gabinetes (onde existe interações entre docentes e alunos).

O filme constrói uma representação credível e consistente da realidade escolar, permitindo evidenciar de forma subtil os gestos, comportamentos e valores que moldam o quotidiano daquela instituição.

Visualmente, *High School* recorre a uma cinematografia a preto e branco, acentuando a atmosfera formal e, por vezes, opressiva da escola. A ausência de música ou efeitos sonoros adicionais concentra a atenção do espectador nas interações humanas e nos diálogos.

Para além da abordagem observacional, é também na montagem que se revela uma intencionalidade crítica por parte do realizador. Ao organizar as sequências de modo a evidenciar certas contradições, Wiseman direciona subtilmente o olhar do espectador para questões éticas e morais subjacentes às práticas institucionais e às relações de poder (Bruzzi, 2006).

Mais do que uma mera exposição de práticas educativas, o documentário assume-se como um reflexo crítico das tensões sociais e culturais características do seu

tempo. Temáticas como a autoridade institucional, a contestação juvenil e as normas sociais emergem de forma subtil, mas rigorosa, ao longo da narrativa (Aufderheide, 2007). A sua atualidade mantém-se intacta, promovendo uma reflexão aprofundada sobre a transformação dos sistemas de ensino e as suas inter-relações com a estrutura social.

Crip Camp: A Disability Revolution (2020)

O documentário *Crip Camp: A Disability Revolution (2020)*, realizado por Nicole Newnham e James LeBrecht, é uma obra profundamente comovente e politicamente incisiva que acompanha a história de um grupo de jovens com deficiência que se conhece num acampamento de verão nos anos 1970, nos Estados Unidos, e que, anos mais tarde, torna-se protagonista de um movimento nacional pelos direitos das pessoas com deficiência. Trata-se de um projeto autoral e profundamente pessoal, sobretudo para LeBrecht, ele próprio uma das vozes que viveu esta experiência na primeira pessoa e que integra o grupo retratado no filme.

A narrativa começa em 1971 no Camp Jened, um “acampamento livre” que oferecia um espaço de liberdade e partilha a adolescentes com deficiência. Mais do que um simples retrato histórico, o filme constrói uma perspetiva poderosa ao dar voz aos próprios protagonistas, permitindo que a história seja contada “de dentro”, com afeto, humor, frustração e resistência. Esta perspetiva foca na experiência vivida dos participantes, mostrando não só as suas lutas políticas, mas também os seus desejos, descobertas amorosas, medos e aspirações, revelando a complexidade dos corpos com deficiência para além da vitimização ou da superação.

A construção formal do documentário combina filmagens de arquivo de teor íntimo, muitas captadas na época pelos próprios campistas, na altura sem intenções de fazer um documentário, com entrevistas atuais, permitindo cruzar passado e presente numa montagem que não procura apenas informar, mas também emocionar e convocar o espectador a tomar posição. A textura granulada das imagens antigas reforça a autenticidade do registo, enquanto os depoimentos atuais oferecem momentos de introspecção e balanço, revelando o impacto duradouro daquela experiência partilhada.



Fig. 5 e 6.

Crip Camp: A Disability Revolution, Nicole Newnham e James LeBrecht (2020)



O filme acompanha a evolução do ativismo destas pessoas, entre elas Judith Heumann, que desempenharam um papel fundamental na luta pela aprovação da Lei dos Americanos com Deficiências (ADA). Ao fazê-lo, *Crip Camp* revela como o ativismo das pessoas com deficiência foi também um movimento coletivo, influenciado por outras lutas da época (como os direitos civis ou os direitos das

mulheres), e sustentado por uma profunda consciência política e ética.

No entanto, *Crip Camp* não foge das realidades complexas e muitas vezes sombrias enfrentadas pelas pessoas com deficiência. O filme aborda questões como discriminação, falta de acessibilidade e marginalização de uma maneira franca e sem rodeios.

Por fim, *Crip Camp* destaca-se enquanto exemplo de como o cinema documental pode ser uma ferramenta de memória, visibilidade e transformação social. A sua força reside não só nos acontecimentos que retrata, mas no modo como o faz: com honestidade, cuidado e uma firme recusa da caridade como lente narrativa. Ao invés disso, oferece-nos um testemunho de autonomia, humor e solidariedade.

Para concluir, reforço que este tema tem de ser cada vez mais falado e exposto a todos. A luta pela igualdade está longe de ser concluída.

***The Theory of Everything* (2014)**

The Theory of Everything, realizado por James Marsh, é uma obra cinematográfica que, embora baseada numa história de amor e descoberta científica, revela também uma narrativa marcante sobre a experiência de uma vida com deficiência, especificamente através da vida de Stephen Hawking. O filme acompanha a vida do físico britânico desde os seus tempos de estudante em Cambridge até ao reconhecimento internacional, enquanto vive com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma doença neurodegenerativa progressiva.

Embora não seja um documentário ativista como *Crip Camp*, mas um filme de ficção, *The Theory of Everything* oferece uma perspetiva sensível e profundamente humana

sobre o impacto de uma deficiência motora severa na vida pessoal, profissional e afetiva de uma figura pública. A obra celebra a forma como Stephen Hawking, convivendo com a ELA, constrói um percurso notável em que a deficiência não define limites, mas convive com uma vida rica em descobertas, pensamento e contributo científico, afirmando-se como uma referência inspiradora tanto no domínio académico como na vivência quotidiana.

O papel da cuidadora/esposa é particularmente relevante, já que o enredo também aborda as dinâmicas de cuidado, interdependência e desgaste emocional que acompanham o avanço da doença. A prestação de Eddie Redmayne, premiada com um Óscar, reforça este retrato com uma representação física rigorosa, ainda que não isenta de críticas quanto à escolha de um ator sem deficiência para o papel.

The Theory of Everything oferece uma leitura simbólica sobre o corpo e a mente onde o físico se deteriora, mas o intelecto permanece, desafiando a ideia capacitista¹ de que valor e produtividade estão associados à performance corporal. Este aspeto dialoga com o propósito do presente projeto, que procura expor as barreiras físicas e atitudinais enfrentadas por pessoas com deficiência no ensino superior em Portugal. A invisibilidade dos corpos não-normativos em espaços académicos contrasta com a figura pública de Hawking, que, mesmo com notoriedade, continuou a depender de apoios técnicos e humanos para viver e trabalhar.

Assim, ao incluir *The Theory of Everything* no Estado da Arte, propõe-se também uma reflexão sobre a forma como a deficiência é representada no cinema

¹ O capacitismo é o preconceito ou discriminação contra pessoas com deficiência, com base na ideia de que são menos capazes ou inferiores. (Oliveira, 2024)

mainstream, e como estas histórias, mesmo que ficcionais e centradas em figuras excepcionais, podem contribuir para o debate sobre acessibilidade, reconhecimento e igualdade de oportunidades. Tal como em *Crip Camp*, este filme relembra-nos que a deficiência não é um obstáculo ao contributo social e intelectual, mas sim a ausência de condições justas e acessíveis que impede a participação de todos na sociedade.



***Our World In Our Words* (2024)**

O documentário *Our World In Our Words* (2024), realizado por Chris Casaceli, constitui uma obra significativa no panorama contemporâneo do documentarismo social, pela forma como se posiciona em torno da questão da representação da deficiência. Com uma duração aproximada de 21 minutos, o filme apresenta-se como uma peça intimista, que dá centralidade à voz de quatro mulheres com deficiência, permitindo-lhes falar diretamente ao espectador, na primeira pessoa, sobre as suas vivências, desafios e desejos.



Fig. 7 e 8.
The Theory of Everything,
James Marsh (2014)

Num contexto em que os discursos sobre a deficiência são frequentemente mediados por narrativas institucionais, discursos médicos ou vozes exteriores à experiência direta. Este documentário concretiza uma inversão significativa da lógica tradicional da representação, ao posicionar as protagonistas como sujeitos ativos do discurso e não meramente como objetos de observação. Neste gesto, aplica-se uma dimensão ética e política fundamental, ao levar o poder narrativo para aquelas que, historicamente, têm sido representadas por vozes exteriores à sua experiência. Esta opção aproxima-se daquilo que Bill Nichols define como modos interativos e reflexivos do documentário, nos quais o diálogo, o testemunho direto e a consciência da representação se tornam elementos estruturantes da forma e do conteúdo.

A realização de Casaceli distingue-se pela economia formal e pela proximidade afetiva com as pessoas filmadas. Assumindo as funções de realizador, produtor, operador de câmara e editor, Casaceli constrói uma obra coesa, marcada por um estilo visual contido, sem excessos estilísticos ou dramatizações forçadas. Os enquadramentos tendem a ser estáveis, intimistas, focando-se nos rostos, nos gestos e nos ambientes familiares das protagonistas, permitindo que a palavra e a escuta assumam o protagonismo. Esta abordagem visual serve o propósito de criar um espaço de empatia e de reflexão, onde o espectador é convidado a escutar, mais do que a interpretar ou julgar.

As temáticas abordadas no documentário são diversas e surgem diretamente dos testemunhos partilhados: a invisibilidade social, os estigmas associados à deficiência, as barreiras na educação, no emprego e na vida quotidiana, e a luta por reconhecimento enquanto pessoas completas, para além do rótulo biomédico. Uma das protagonistas afirma: “I wish people could see me and not my disability. I am a

human first.” Esta frase, embora simples, condensa o núcleo ético do documentário. A afirmação da humanidade como direito fundamental articula-se, neste contexto, com a denúncia da forma como a deficiência, entendida como construção social, continua a funcionar como um filtro redutor da identidade individual e da complexidade subjetiva das pessoas que a experienciam.

Importa salientar que a curta duração do documentário não limita a profundidade da abordagem. Pelo contrário, a síntese narrativa, a organização coerente dos testemunhos e a ausência de mediação exterior tornam o filme especialmente eficaz enquanto ferramenta de sensibilização. A sua estrutura aberta e fragmentada, sem narração nem comentário, reforça a autenticidade das vozes retratadas e permite ao espectador ocupar uma posição de escuta ativa. Esta configuração aproxima o documentário de práticas pedagógicas centradas na experiência e na narrativa pessoal como instrumentos de consciencialização e transformação social.

Do ponto de vista da acessibilidade e da dimensão, *Our World In Our Words* apresenta a vantagem de ser facilmente incorporado em contextos educativos e formativos diversos, nomeadamente em sessões escolares, eventos universitários e ações de capacitação dirigidas a profissionais da educação, da saúde e da cultura. A sua brevidade e objetividade, aliadas à autenticidade dos testemunhos e à seriedade da realização, conferem-lhe um elevado potencial enquanto ferramenta de sensibilização e reflexão crítica sobre a inclusão, os direitos humanos e a valorização da diversidade.

O documentário de Chris Casaceli constitui uma proposta estética e ética que ultrapassa a mera visibilidade da deficiência. Ao permitir que as mulheres com

deficiência partilhem as suas histórias nos seus próprios termos, a obra desafia o olhar normativo e convoca o espectador a participar numa escuta mais consciente, empática e crítica. *Our World In Our Words* não pretende falar “sobre” as pessoas com deficiência, mas sim com elas, num gesto de partilha que é também de resistência. Como tal, insere-se perfeitamente no campo do documentarismo como ferramenta de mudança social, contribuindo para a construção de uma cultura mais atenta à dignidade, à diferença e à pluralidade de vozes.



Fig. 9 e 10.
Our World In Our Words,
Chris Casaceli (2024)



3.1 Metodologias

Para dar suporte à análise e à proposta de melhoria da acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), foram adotadas estratégias metodológicas diversificadas. Estas estratégias combinam técnicas de recolha de dados nomeadamente pesquisa documental, produção audiovisual, análise de imagens fotográficas e as entrevistas, com o objetivo de construir uma narrativa clara e impactante sobre as barreiras existentes. As etapas principais foram:

- Pesquisa e recolha de imagens de arquivo da FBAUP, de modo a contextualizar historicamente os espaços da faculdade e compreender como foram (ou não) adaptados ao longo do tempo para responder a critérios de acessibilidade.
- Captura de fotografias atuais da FBAUP, com registo visual de zonas problemáticas, como rampas inexistentes, escadas sem corrimão, casas de banho não adaptadas, entre outros obstáculos à mobilidade.
- Realização de entrevistas com estudantes da FBAUP, recolhendo testemunhos sobre a experiência real de viver com limitações de acessibilidade. Estes testemunhos permitiram identificar os principais desafios e humanizar o discurso.
- Identificação e registo sistemático de obstáculos arquitetónicos, com base nas entrevistas e observação direta. Este mapeamento constitui um arquivo fotográfico atualizado, com localização e descrição dos principais pontos de falha.
- Investigação pela prática artística através da realização de um documentário, que combina imagem, som e testemunho, funcionando como objeto artístico e ferramenta de sensibilização.

GUIÃO DO DOCUMENTÁRIO: "Também sou Artista!"

Duração Total Estimada: 12-15 min

Tema e objetivo

Tema: A falta de acessibilidade nos edifícios e espaços da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com foco nas experiências reais de estudantes com deficiência.

Mensagem central: A falta de acessibilidade na FBAUP continua a excluir estudantes com deficiência, revelando um problema estrutural que permanece invisível para muitos. Este documentário pretende dar voz a essas experiências e questionar como a FBAUP, espaço de liberdade e expressão, continua a manter estas barreiras físicas.

Objetivo: Denunciar a exclusão causada pela falta de acessibilidade na FBAUP, sensibilizar a comunidade académica para esta realidade e exigir mudanças concretas. Ao partilhar testemunhos e imagens que contrastam passado e presente, pretende-se gerar empatia e levar à reflexão sobre o que significa, realmente, um espaço inclusivo e equitativo.

1. Introdução (1 min)

- **4 fotografias a preto e branco desfocadas que não se percebe onde é:** Pavilhão Carlos Ramos, Pavilhão de tecnologias e bar.
- **1 take parado:** Bar com bastante gente.

Raquel

"A faculdade, neste momento, e da forma como está construída, não é acessível a todas as pessoas ..."

- **10 fotografias a preto e branco desfocadas, já se percebe melhor onde é:** Pavilhão Carlos Ramos, Pavilhão de tecnologias, Pavilhão Sul e jardim.

Beatriz

"Vão ter que entrar pela porta do lado, pela porta de trás, onde ninguém entra, que é extremamente desconfortável."

- **Som ambiente natural:** passos, ecos, barulho de materiais de arte, ...
- **1 take geral:** Jardim, take picado. Depois aparece o título do documentário
- **Aparece o título** "Também sou Artista!"

Objetivo: Introduzir a problemática da acessibilidade na FBAUP deixando o espectador desconfortável.

SEPARADOR

2. Parte 1 (2-3 min)

- **Foto do Auditório Aula Magna com frase** "Porque estou a fazer este documentário"
- **8 fotografias da FBAUP:** Fotografias antigas e atuais misturadas com pessoas
- **2 takes parados:** Pavilhão de tecnologias e jardim
- **Entrevistas:**

Sofia

"Do que eu me lembro, tinha muitas escadas na entrada, não é? Deram-me sempre a alternativa de ir pela parte lateral, só que eu estava na cadeira de rodas há pouco tempo, portanto, não me imagino a fazer aquele percurso na altura era com paralelos, até, quer dizer, estamos a falar de levar materiais, levar as coisas a partir de uma pessoa minimamente autónoma e levar esses materiais todos e todos os dias fazer esse percurso até à faculdade e depois dentro da faculdade não parece de todo que a cadeira fosse uma grande amiga daquelas pedras, digamos assim. Então percebi que a minha rotina ia ser um pouco, muito condicionada."

Daniela

"Tendo em conta que é um edifício histórico e que não podem ser feitas obras de qualquer maneira, tem de ser um projeto bastante estruturado. Creio que há pequenas mudanças que podem ser feitas, principalmente na forma como os professores interagem com os alunos, tenham eles ou não necessidades específicas, e tentar adaptar melhor os currículos à necessidade de cada estudante."

Objetivo:

- Mostrar que a falta de acessibilidade é um problema histórico na FBAUP.

SEPARADOR

3. Parte 2 (4 min)

- **7 fotografias da FBAUP:** Fotografias antigas e atuais misturadas
- **2 takes parados:** Pavilhão de tecnologias e jardim
- **Entrevistas:**

Beatriz

"O caminho é um bocadinho desnivelado, às vezes a pessoa, principalmente com a chuva, a tendência de escorregar ali é imensa e por sorte ainda não cai né. Como toda a gente."

Daniela

"Sinto que há pouca flexibilidade e conhecimento por parte dos professores em relação às características de cada um dos estudantes e também da Universidade num todo. Acho que ainda há muita pouca sensibilização sobre o tema. Quanto aos estudantes que eu acompanhei, também senti que tinham dificuldade. Por exemplo, tive casos de alunos que, de facto, eles tinham muita dificuldade em percorrer os espaços, em, por exemplo, ir à casa de bem sozinhos. E essa autonomia é algo essencial para todas as pessoas e era algo que, neste caso, estava muito em falta."

Raquel

"Em contexto de crise, que são episódios de fraqueza muscular, essencialmente, eu encontro a dificuldade de não haver necessariamente um espaço de repouso para onde eu me possa dirigir. Portanto, se eu tiver uma crise na cantina, que aconteceu com frequência, eu acabo por ter de ficar lá até conseguir deslocar-me para algum sítio, porque normalmente os sítios de descanso são bastante longes. Por exemplo, chegar ao ateliê é uma distância que pode parecer curta, mas naquele contexto, para mim, torna-se uma longa distância. Portanto, eu sinto a necessidade de haverem espaços de repouso e de descanso mais frequentes ao longo do percurso da faculdade."

Sofia (CORRIGIR)

"Passado muitos anos, as coisas não mudaram assim tanto e que entendo que as coisas levam tempo, mas que isso não deixa de ser uma forma de exclusão. Eu adorava ter conhecido as Belas Artes, eu adorava ter estudado nas Belas Artes, eu ainda hoje

tenho a ferida de não ter podido ter essa escolha, de estarem em Belas Artes, porque um elevador não chega. O meu sonho pessoal era Belas Artes.

O que eu senti quando tive que ir para a idade, e reconheço a minha jornada lá e gostei muito, foi afinal eu não precisava ter estudado. A média de 10 bastava para eu entrar."

As **fotografias antigas e recentes** vão aparecendo durante as entrevistas.

Objetivo: Destacar os desafios enfrentados pelos estudantes.

4. Parte 3: Final (4 min)

- **6 takes parados** da faculdade vazia
- **Entrevistas:**

Se tivesse a oportunidade de falar com algum responsável daqui, o que gostarias de dizer?

Daniela

"Sobretudo eu diria para abraçarem os projetos dos alunos que estão dedicados à facilidade na faculdade e na Universidade do Porto. Muitas vezes há pouco apoio quando um aluno quer começar a trabalhar nestes temas. Deveria existir mais, deveriam ser mais ouvidos. E porque os resultados que advêm destes projetos, sem dúvida, irão ter algum impacto e poderão fazer a diferença a longo prazo."

Raquel

"Eu acho que é importante nós termos todos a empatia e a sensibilidade de compreender que há pessoas que se calhar precisam de uma certa assistência ou algo simples, que para nós pode parecer normal, que faz toda a diferença. Por exemplo, trocar-se o tamanho de um balcão ou as pedras de um chão pode parecer insignificante, mas acho que pode mudar a vida de alguém."

- **1 take parado** corredor de desenho

Sofia

"E é um direito nosso. E também acho que é um direito vosso poderem receber todas as pessoas. Porque senão, pelo caminho, vamos ficar. Então, lutem por isso. Por muito difícil que seja há verbas do governo, se não houver, juntem os alunos, façam alguma coisa, mas sejam tão mágicos como eu imaginei que Belas Artes era.

Aquele ambiente artista, inclusivo. Eu pelo menos senti assim, ah vou estudar, quero muito este ambiente artista, inclusivo."

- **Foto do Pavilhão Carlos Ramos com frase** "Alguém a fazer uma obra de arte"
- **Simulação** de uma chamada

Sofia

"E o tempo passou, e o tempo voou, e pouca coisa mudou. Então, espero do fundo do coração que um dia me convides para ir às Belas Artes, e eu possa estar aí. Posso fazer parte das Belas Artes. Quem sabe? Um dia."

Técnicas:

- **Formato final:** Fotografias a preto e branco, takes parados e entrevistas gravadas.
- **Edição:** Alternar entre imagens estáticas, takes parados e entrevistas para criar ritmo e impacto.
- **Áudio:** Som ambiente e voz off retirada das entrevistas. Ajuda do Hugo.

Perguntas para entrevistas

1. Podes descrever como é a tua experiência diária ao circular na FBAUP?
2. Quais são as principais dificuldades que encontras nos espaços da faculdade? Há algum espaço onde a tua mobilidade é especialmente limitada?
3. Consegues fazer uso de todos os serviços e espaços, como bibliotecas, auditórios e salas de exposição? Quais são os maiores obstáculos que enfrentas?
4. De que forma a falta de acessibilidade afeta o teu percurso académico ou as tuas atividades diárias?
5. Sentes que a falta de acessibilidade interfere na tua autonomia dentro da faculdade? Em que situações isso se torna mais evidente?
6. Já abordaste alguém na faculdade sobre estes problemas? Se sim, qual foi a resposta?
7. Que mudanças achas que a FBAUP deveria implementar para se tornar mais acessível?
8. Se pudesses deixar uma mensagem aos responsáveis da faculdade sobre a importância da acessibilidade, o que dirias?

Perguntas para entrevista (adaptado para Sofia)

1. Podes contar um pouco sobre a tua experiência enquanto estudante na FBAUP?
2. Quais foram os principais obstáculos arquitetónicos que te impediram de frequentar a faculdade?
3. Além das barreiras físicas, sentiste também falta de apoio da instituição?
4. Pediste ajuda ou sugeriste soluções à direção da faculdade? Qual foi a resposta?
5. Como a falta de acessibilidade afetou o teu percurso académico e pessoal?
6. O que sentiste ao perceber que não conseguirias continuar os teus estudos na FBAUP?
7. O que achas que deveria ser feito para evitar que outros estudantes passem pelo mesmo?
8. Se pudesses falar diretamente com os responsáveis pela faculdade, o que gostarias de lhes dizer?

3.3. Colaborações

A concretização deste projeto foi possível graças à colaboração de várias entidades que contribuíram de forma técnica, conceptual e logística. Destaca-se, em particular, o apoio do Ensino Superior + Inclusivo, cuja intervenção foi fundamental no enquadramento teórico e político da investigação. Esta colaboração permitiu situar o projeto numa dinâmica coletiva de mudança e reflexão crítica sobre o futuro do ensino superior em Portugal.

Foi fundamental o contributo da Casa da Imagem, pelo acesso ao arquivo fotográfico da FBAUP, essencial para contextualizar visualmente a evolução da acessibilidade na instituição.

Por fim, reconhece-se a colaboração da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, pela cedência de espaços para filmagens e entrevistas, facilitando o registo direto dos ambientes e obstáculos retratados no documentário.

Estas colaborações demonstram a importância do trabalho em rede na construção de projetos académicos com impacto social.

4. Proposta de Intervenção

A presente proposta constitui uma extensão natural do processo de investigação e criação desenvolvido neste projeto. Através da realização de um documentário centrado nas barreiras arquitetónicas da FBAUP, procurou-se não só dar visibilidade a um problema estrutural, como também promover a reflexão e incentivar a transformação institucional.

Mais do que um objeto artístico, o documentário é pensado como uma ferramenta de diálogo, sensibilização e mudança, articulando imagem, testemunho e intervenção prática. Nesse sentido, propõe-se a sua exibição pública em espaços acessíveis da faculdade, como o auditório do Pavilhão Sul. Embora a Aula Magna seja um espaço simbólico, a sua atual falta de acessibilidade deve ser tida em conta.

Sugere-se também que o projeto seja partilhado com os serviços da universidade responsáveis pela acessibilidade e pela gestão dos edifícios, servindo como ponto de partida para uma análise participada das condições estruturais da FBAUP. O levantamento visual e os testemunhos recolhidos poderão informar intervenções concretas.

Paralelamente, propõe-se a organização de encontros regulares com estudantes com estatuto NEE, promovendo momentos de escuta e construção de soluções. A visibilidade gerada poderá fortalecer redes de apoio e fomentar um envolvimento mais ativo dos estudantes enquanto agentes de mudança.

Por fim, prevê-se a divulgação do projeto em contextos externos à FBAUP, como

festivais, eventos acadêmicos ou redes sociais, ampliando o seu alcance e contribuindo para uma cultura de maior consciência sobre acessibilidade no ensino superior artístico.

Esta proposta entende o documentário não apenas como resultado final, mas como instrumento de mobilização, com capacidade de transformar realidades invisibilizadas e reforçar o compromisso com uma universidade mais justa, acessível e humana.

4.1. Pré-produção

A fase de pré-produção revelou-se essencial para o planeamento do documentário, funcionando como momento de estruturação das ideias, definição das intenções e organização logística. Nesta etapa, procurou-se estabelecer uma abordagem coerente com os objetivos da investigação, assegurando simultaneamente rigor metodológico e sensibilidade estética.

O conceito central do projeto assenta na exposição da falta de acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP), evidenciando as limitações que comprometem a vivência académica de estudantes que possuem o estatuto (NEE). O documentário assume-se como um objeto artístico, articulando imagem e testemunho como forma de sensibilização, denúncia e transformação social.

Durante a preparação, foi realizada uma análise de referências bibliográficas e audiovisuais que influenciaram a abordagem estética e a estrutura narrativa adotada. Esta etapa foi crucial para definir o tom visual e conceptual do projeto, bem como para sustentar teoricamente as decisões criativas a tomar.

A definição da linha condutora do documentário teve por base uma lógica ensaística, não linear, focada na sobreposição entre presente e passado, contemplação e testemunho. Foi elaborado um guião que orientou as entrevistas e outro que ajudou na seleção das imagens e na estrutura do documentário.

A recolha de imagens de arquivo foi uma componente fundamental na fase de pré-produção. Esta etapa envolveu uma pesquisa cuidada em diferentes fontes públicas e institucionais, nomeadamente em plataformas digitais como o Facebook, onde foram identificadas publicações antigas de estudantes e eventos da FBAUP, bem como em registos digitais e manuais disponíveis na biblioteca da faculdade. A colaboração com a Casa da Imagem, ligada ao arquivo e à memória da Universidade do Porto, revelou-se particularmente útil, permitindo o acesso a fotografias que, de outro modo, seriam inacessíveis.

As imagens recolhidas, possibilitam a construção de uma linha cronológica visual que contextualiza a evolução dos espaços arquitetónicos da FBAUP. Esta cronologia é essencial para compreender as transformações ou a ausência delas no que respeita à acessibilidade dos edifícios. Em muitos casos, os obstáculos arquitetónicos presentes atualmente já existiam há várias gerações, o que revela uma certa estagnação institucional no que toca à adaptação inclusiva dos espaços. Assim, estas imagens não só enriquecem a dimensão documental do projeto, como também sustentam criticamente a análise das dinâmicas de exclusão física que se perpetuam ao longo do tempo.

Um dos principais desafios surgidos durante a fase de pré-produção do documentário foi a dificuldade em garantir a participação de estudantes com deficiência nas



Fig. 13.
Sala do Livro
Antigo, 2024

entrevistas. Apesar do tema ser de interesse público e académico, foi notório um certo receio ou hesitação por parte de potenciais participantes, motivado, em alguns casos, por experiências pessoais sensíveis, pela exposição pública ou simplesmente pela vontade de preservar a privacidade. O que levou à reflexão do que se pode fazer para que estes alunos se sintam à vontade para falar daquilo que sentem e do que passam.

Este entrave revelou-se particularmente crítico numa investigação que assume como objetivo dar voz às experiências reais destes estudantes, sendo os seus testemunhos elementos centrais para a construção da narrativa e para a legitimação do discurso sobre acessibilidade na FBAUP. Sem estes contributos em primeira pessoa, o documentário corria o risco de se tornar demasiado descritivo e distanciado da realidade vivida, perdendo parte da sua força empática e crítica.

A solução encontrada passou por recorrer a vários meios institucionais e pessoais. Foi solicitada a colaboração da Direção da Faculdade, tendo a diretora enviado um e-mail institucional dirigido aos estudantes com Estatuto de Estudante com Necessidades Educativas Específicas (NEE). Esta mensagem teve como objetivo convidar e informar possíveis participantes quanto à existência e aos propósitos do projeto, sublinhando a sua dimensão ética, académica e artística.

Paralelamente, alguns docentes colaboraram de forma ativa, sugerindo contactos de estudantes que, no passado, tinham demonstrado interesse por temáticas relacionadas



Fig. 14.
Sala do Livro
Antigo, 2024

com inclusão ou que já haviam partilhado as suas experiências no contexto académico. Este envolvimento revelou-se fundamental para chegar a ex-estudantes que não conseguiram frequentar o ensino superior na FBAUP por questões de acessibilidade e criar pontes de confiança entre investigadora e participantes.

Por fim, recorreu-se também a ligações estabelecidas ao longo do percurso académico da autora, nomeadamente no âmbito de projetos e eventos anteriores. Estas redes pessoais e institucionais permitiram, de forma progressiva, alcançar participantes que aceitaram partilhar o seu testemunho, reconhecendo no documentário um espaço de escuta, representação e potencial mudança.

Este processo revelou-se exigente, mas profundamente enriquecedor, dando a demonstrar a importância de uma abordagem sensível, paciente e colaborativa na construção de projetos que envolvam grupos potencialmente vulneráveis. A participação dos estudantes, embora inicialmente difícil de assegurar, acabou por ser um dos pilares mais significativos de toda a investigação.

O material recolhido durante a fase de pré-produção (imagens de arquivo, guiões, fotografias e registo de obstáculos) levou a uma base sólida para as fases seguintes do projeto, assegurando coerência, consistência visual e clareza narrativa.

4.2. Produção

A fase de produção correspondeu à etapa central do processo, durante a qual foram recolhidos os materiais visuais e sonoros que serviram de fundamento para a elaboração do documentário. Esta etapa envolveu filmagens, captação fotográfica, realização de entrevistas e recolha de som ambiente, sendo marcada por um equilíbrio entre planeamento e capacidade de adaptação às circunstâncias reais. Ao longo do processo, procurou-se manter uma abordagem reflexiva, ética e sensível ao contexto e aos participantes envolvidos.



As filmagens e a captação fotográfica tiveram início em novembro, com pequenos testes preliminares de horários, ângulos e localizações e terminaram em março, realizados com o objetivo de compreender o comportamento da luz natural, a passagem de pessoas e as características do espaço. Todo o trabalho de recolha visual decorreu na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.



Durante a produção foram utilizados sobretudo planos fixos em vídeo, permitindo gravar o movimento natural do espaço sem interferência ou encenação. A opção por este tipo de plano pretendeu criar uma estética observacional, em que a realidade é mostrada tal como se apresenta, destacando, com simplicidade, os obstáculos estruturais. Já nas fotografias, procurou-se uma maior diversidade, recorrendo a ângulos picados, contrapicados, frontais e desenquadrados, de forma a explorar diferentes perspetivas sobre os mesmos elementos.

Fig. 15 e 16.
Registo das gravações, 2024
Registo fotográfico, 2025

Uma das estratégias visuais centrais foi a opção estética por gravar e fotografar todo o material em preto e branco. Esta escolha teve como objetivo reforçar a seriedade e intemporalidade do tema abordado, além de criar coerência visual entre os registos atuais e as imagens de arquivo integradas no documentário.

Para a concretização desta etapa, contei com a colaboração de Maria José Almeida, Francisca Pinto, Filipe Afonso e Marta Lerenó, que prestaram apoio fundamental na produção e recolha dos materiais visuais, contribuindo para a eficácia técnica e para a continuidade do projeto.

As entrevistas foram realizadas presencialmente nas instalações da FBAUP, mais concretamente em salas localizadas no Pavilhão Sul, o edifício mais acessível da faculdade. Este espaço foi escolhido por oferecer boas condições de conforto, boa iluminação e privacidade, fatores essenciais para garantir a qualidade técnica da gravação e o bem-estar dos participantes.

A metodologia de registo foi audiovisual, com utilização de duas câmaras para captação de diferentes ângulos, permitindo uma montagem dinâmica e uma maior margem de segurança técnica. O som foi gravado com microfones externos de lapela. Cada entrevista teve uma duração média de 10 a 15 minutos, tempo suficiente para explorar os principais tópicos previstos, sem sobrecarregar emocionalmente os entrevistados.

Os testemunhos recolhidos revelaram temas recorrentes, nomeadamente: a falta ou fragilidade da resposta institucional face às necessidades dos estudantes com deficiência; a invisibilidade das suas vivências no quotidiano académico; a



Fig. 17 e 18.
Registo das gravações
dos depoimentos, 2025

sensação de não serem ouvidos nem envolvidos em processos de decisão; a falta de apoio por parte de alguns docentes e, sobretudo, o impacto emocional da exclusão, que afeta diretamente o bem-estar, a autoestima, a autonomia e a permanência no ensino superior.

Durante todo o processo, houve um cuidado constante em respeitar a autonomia, a dignidade e o conforto dos participantes. Foi garantido o consentimento informado, e criou-se um ambiente seguro e empático, permitindo que os estudantes expressassem livremente o que consideravam importante partilhar. Em caso de desconforto, foi sempre deixada em aberto a possibilidade de interromper ou reformular o processo.

A gravação das entrevistas contou com o apoio técnico de Pedro Campos e Patrícia Almeida, que colaboraram na montagem do material e no acompanhamento da gravação, assegurando que todos os aspetos técnicos decorressem conforme planeado.

Para além das entrevistas e das imagens em movimento, a produção envolveu a

captação de som ambiente e momentos de silêncio. Os sons recolhidos incluíram passos, portas a abrir e fechar, bar, ruídos de fundo nos corredores ou simplesmente o silêncio de espaços inativos, elementos que reforçam a narrativa e a atmosfera do documentário.

Do ponto de vista técnico, os principais desafios enfrentados foram a iluminação natural insuficiente em algumas áreas interiores, especialmente em corredores ou escadas com fraca exposição solar, e com ruído de fundo durante as entrevistas, provocado por movimentações inesperadas no edifício. Estas limitações foram ultrapassadas através da utilização de luz artificial portátil, ajuste dos parâmetros da câmara e repetição caso necessário. No caso do som, recorreu-se a microfones de lapela e direcionais, bem como a filtros de ruído aplicados posteriormente na pós-produção.

No geral, não foi necessário proceder a alterações significativas ao plano inicial, uma vez que as filmagens decorreram dentro das previsões estabelecidas na fase de pré-produção. A organização prévia, aliada ao conhecimento do espaço e ao apoio de colegas e colaboradores, permitiu manter o cronograma e cumprir os objetivos delineados.

Ainda assim, ocorreram alguns acontecimentos inesperados, sobretudo durante a realização das entrevistas. Em alguns momentos, surgiram imprevistos relacionados com falhas na captação de som ou variações de luz, que exigiram a reconfiguração do espaço ou a repetição parcial da gravação. Essas situações, embora pontuais, exigiram flexibilidade e rapidez de resposta, sendo ultrapassadas com o apoio técnico disponível e a colaboração dos participantes.



Fig. 19.
Registo do depoimento da
Daniela Geraldes, 2025



Fig. 21.
Registo do depoimento da Ana
Raquel Silva, 2025



Fig. 20.
Registo do depoimento por vídeo chamada
da Sofia Costa, 2025

4.3. Pós-produção

A fase de pós-produção constituiu o momento de síntese e construção final do documentário, permitindo organizar, montar e editar o material recolhido durante a produção. Para além do trabalho técnico, esta etapa implicou também uma reflexão crítica sobre as decisões tomadas, de forma a garantir que o resultado final se mantivesse coerente com os objetivos conceptuais do projeto, sensibilizar para a urgência da inclusão e levar à reflexão sobre a forma como o espaço molda a experiência académica de alunos com deficiência.

A seleção dos conteúdos visuais e sonoros foi realizada com base na sua relevância para a narrativa, clareza técnica e valor simbólico. Foram escolhidos fotografias e vídeos que representassem a realidade da FBAUP, incluindo momentos de circulação dos estudantes, interações espontâneas e também momentos “mortos”, em que os espaços vazios ganham protagonismo, podendo ser interpretados como solidão, estagnação ou abandono.

Foram excluídos materiais que apresentavam problemas técnicos, nomeadamente fotografias captadas acidentalmente, planos com iluminação excessiva ou som contaminado por ruído irreversível. Também foram eliminadas sequências visuais redundantes, que não acrescentavam informação nova à narrativa.

No processo de montagem do documentário, a opção por uma narrativa não linear levou a uma abordagem menos rígida da linha do tempo. Em vez de seguir uma sequência cronológica estrita, optou-se por misturar livremente as imagens de arquivo com as fotografias atuais, criando uma sobreposição temporal que reforça o

lado poético do filme. Esta escolha estética permitiu estabelecer paralelismos visuais e simbólicos entre passado e presente, evidenciando a persistência de determinadas barreiras arquitetônicas e a continuidade da exclusão no espaço acadêmico. Ao abandonar a linearidade, procurou-se também libertar a narrativa de uma lógica meramente informativa, privilegiando uma leitura mais sensível e crítica da realidade representada.

Foi, por isso, adotada uma lógica fragmentada e ensaística, onde as imagens de arquivo foram introduzidas discretamente, misturando-se com as imagens atuais, e intercaladas com frases escritas, propositadamente colocadas para conduzir o espectador à reflexão. Estas frases funcionam como pontos de suspensão, questionando diretamente quem assiste e convocando-o a questionar o porquê de, em pleno século XXI, ainda ser necessário falar de inclusão no ensino superior.

O ritmo visual foi guiado pelo ritmo sonoro, com planos lentos a acompanhar a composição musical, reforçados por sons ambientes que contribuem para o envolvimento sensorial. A alternância entre movimento e pausa, som e silêncio, dá ao documentário um tempo próprio, mais contemplativo, alinhado com o caráter reflexivo do projeto.

Foram também integrados elementos de texto e grafismo, com o objetivo de criar momentos de comunicação mais direta e emocional com o público.



Fig. 22.
Frame do
documentário
"Também sou
Artista", 2025



Fig. 23.
Frame do
documentário
“Também sou
Artista”, 2025

A composição sonora original foi desenvolvida por Hugo M. Moreira que criou uma peça musical com instrumentos, pensada especificamente para acompanhar o documentário do início ao fim.

Todas as imagens captadas foram feitas diretamente a preto e branco, o que reforçou a unidade visual entre os diferentes momentos temporais, imagens atuais e imagens de arquivo. Algumas imagens em cor foram convertidas durante a edição, através de ferramentas de correção de cor, garantindo assim consistência estética em todo o documentário.

O contraste foi ajustado para destacar as texturas dos materiais arquitetônicos e acentuar sombras e volumes. A direção de imagem procurou construir, em cada plano, uma atmosfera emocional, ora de frieza e impessoalidade, ora de opressão e ausência, dependendo do espaço representado. O preto e branco, para além de conferir sobriedade e intemporalidade, foi uma estratégia consciente para acentuar o aspeto documental do projeto.

Está previsto que o documentário seja exibido em contexto académico, nomeadamente numa exposição organizada na própria FBAUP, preferencialmente no Auditório da Aula Magna ou no auditório do Pavilhão Sul.

Existe também a intenção de apresentar o projeto fora do meio universitário, em espaços culturais que acolham propostas audiovisuais com enfoque social, desde

que garantam acessibilidade. O documentário será igualmente divulgado nas redes sociais, de modo a alcançar um público mais amplo e promover a reflexão fora do espaço acadêmico.

O processo de pós-produção foi fundamental para consolidar a intenção crítica e estética do documentário. Ao longo da edição, tornou-se evidente que mais do que documentar, era necessário provocar, convidar o espectador a refletir e a confrontar a realidade das barreiras arquitetônicas e institucionais da FBAUP.

O resultado final cumpre os objetivos propostos, oferecendo uma representação sensível, honesta e visualmente coesa da realidade que se pretende. O documentário equilibra observação e crítica, imagem e som, testemunho e silêncio, de forma a não apenas informar, mas também gerar empatia e mobilizar consciências. Pretende-se que o impacto emocional seja amplificado pelo modo como as imagens e os sons se conjugam para evidenciar a ausência, a solidão e a resistência. O impacto intelectual reside na forma como a narrativa obriga o público a questionar o papel da arquitetura, da política institucional e da cultura acadêmica na construção ou perpetuação da exclusão.

Entre os aspetos mais bem conseguidos estão a coerência estética, a simplicidade formal e a força dos testemunhos. Por outro lado, o número reduzido de participantes nas entrevistas, apesar de compreensível, poderá limitar a representatividade de algumas experiências.

No seu todo, este projeto contribui significativamente para a discussão sobre acessibilidade no ensino superior, e demonstra o potencial do documentário enquanto forma de investigação, denúncia e transformação social.

Link do documentário *Também sou Artista!*

<https://youtu.be/Pswxo-6deLQ>

4.4. Output

O output deste projeto concretiza-se na criação de um documentário com cerca de 13 minutos, desenvolvido no âmbito de uma investigação prática centrada na acessibilidade no ensino superior, com foco na FBAUP. Este objeto audiovisual resulta da síntese entre prática artística e reflexão crítica, funcionando como testemunho sensível, proposta estética e ferramenta de intervenção.

Do ponto de vista formal, o documentário articula imagens de arquivo e registos visuais atuais, todos em preto e branco, criando uma coesão visual e intemporalidade à narrativa. Os planos fixos, os espaços vazios e os detalhes arquitetónicos destacam as barreiras estruturais que limitam o acesso e a permanência de estudantes com deficiência.

Narrativamente, optou-se por uma estrutura fragmentada e não-linear, que rompe com o modelo expositivo tradicional. O filme organiza-se a partir de testemunhos, som ambiente e frases escritas, estimulando uma leitura crítica do espaço e das suas implicações sociais.

A componente sonora conta com uma peça musical original de Hugo Moreira, que acompanha o documentário de forma contínua, criando uma atmosfera sonora que alterna entre tensão e serenidade. Esta banda sonora, em diálogo com os sons reais captados, reforça o impacto emocional das imagens trazendo várias emoções a quem

assiste. O ficheiro final está preparado para exposições em auditórios, exposições ou submissões a festivais e eventos académicos.

De forma global, este output traduz um compromisso entre investigação, criação e ação. O documentário propõe-se a dar visibilidade a um problema estrutural persistente através de uma linguagem artística que evita abordagens excessivamente explicativas, apostando antes na provocação estética, na empatia e na escuta. É um objeto que pretende ser experienciado, contribuindo para uma nova forma de pensar e sentir a acessibilidade no ensino superior.

4.5. Levantamento da Acessibilidade Arquitetónica na FBAUP – Notas por Edifício

A presente secção resulta de um levantamento colaborativo realizado com a estudante Daniela Geraldês, com o objetivo de identificar alguns dos principais obstáculos à acessibilidade presentes na FBAUP. Esta iniciativa surgiu no âmbito do projeto de investigação desenvolvido, com a intenção de complementar o documentário com dados observacionais concretos, dando corpo visual e descritivo a muitas das questões abordadas nos testemunhos recolhidos.

A colaboração com a Daniela foi fundamental, não apenas pela partilha de experiências enquanto estudante da FBAUP com estatuto, mas também pela sensibilidade e olhar atento com que participou neste processo.

Este trabalho consistiu na observação direta em diferentes zonas

da faculdade e foram analisados aspetos como acessos exteriores, entradas principais, corredores, instalações sanitárias, escadas, elevadores e percursos de circulação. O objetivo era recolher evidências concretas que ajudem a mostrar, denunciar e fundamentar a necessidade de intervenção nos espaços.

Estas notas funcionam como complemento crítico ao documentário e ao relatório, reforçando a urgência de se repensar na acessibilidade na FBAUP não como exceção ou medida pontual, mas como princípio estruturante de qualquer espaço académico inclusivo.

Pavilhão Sul

Popularmente referido como “o do fundo”, o Pavilhão Sul apresenta-se como o edifício com melhores condições de acessibilidade da FBAUP. No Piso 3, destaca-se a maior amplitude dos espaços, portas largas e a presença de um elevador funcional. No entanto, a única casa de banho adaptada encontra-se junto à cantina; caso esteja trancada, não existe alternativa acessível no edifício, o que representa uma limitação grave.

O Piso 2 inclui salas de aula e cadeiras de repouso disponíveis, tal como o Piso 1, que acolhe as áreas de Artes Plásticas. No Piso 0, correspondente à entrada, existe uma rampa de acesso, porém com uma inclinação inadequada às normas de acessibilidade.

O Piso -1 tem a cantina, que apresenta iluminação insuficiente. O auditório deste pavilhão, por outro lado, dispõe de boas condições de mobilidade e iluminação. Contudo, o acesso à sala de registo é

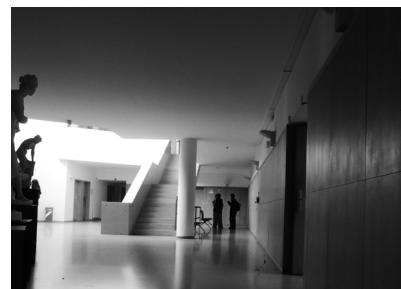


Fig. 24.
Pavilhão Sul,
2024

dificultado por um degrau. A entrada exterior para a cantina também tem um degrau e o espaço é, no geral, demasiado pequeno para a quantidade de estudantes.

Edifício Torre de Conexão

O edifício conhecido como “Torre” possui entrada com elevador e escadas. Existe uma casa de banho adaptada, mas a porta é difícil de trancar, comprometendo a sua utilização. Os espaços e largura das portas são adequados, dando uma relativa fluidez na circulação. No Piso 1, existe uma ligação ao edifício de Escultura, que não dispõe de elevador, criando um ponto crítico de acessibilidade. O Piso 2 apresenta condições semelhantes às dos restantes andares. A porta de saída é pesada e requer força para ser empurrada, além de incluir um pequeno desnível, o que dificulta o uso por pessoas com mobilidade reduzida.



Fig. 25.
Edifício Torre (site da
FBAUP)

Pavilhão de Tecnologias

Este edifício é particularmente inacessível, tendo escadas logo à entrada e ausência de elevador. As salas de desenho localizadas neste pavilhão também requerem a subida de escadas, o que limita o acesso de forma significativa.



Cerâmica

A casa de banho é mista, mas não adaptada, sendo de difícil utilização e difícil de trancar. Apesar de haver escadas, estas têm corrimão, o que representa uma melhoria mínima em termos de segurança.



Gravura e Fotografia

A área de Gravura encontra-se em mau estado geral. As divisões são estreitas, e os acessos às salas de trabalho têm pequenos desníveis que dificultam a circulação. Os cacifos existentes têm dimensões reduzidas, comprometendo a sua utilidade. Os estúdios de pintura, próximos do jardim, também não possuem elevador nem acesso facilitado.

Pavilhão de Madeira

Este edifício apresenta melhores condições de mobilidade, com rampa de acesso e piso contínuo e nivelado, sem obstáculos visíveis. É um dos poucos espaços da faculdade que garante acesso fluido e sem barreiras físicas evidentes.

Pavilhão de Escultura

O acesso ao edifício de Escultura é particularmente difícil. Após algumas escadas, existe uma rampa, mas o caminho até ao edifício é irregular e mal conservado. No interior, não existe elevador e a circulação depende exclusivamente de escadas. As casas de banho não são adaptadas e, à semelhança de outros edifícios, as portas são difíceis de trancar, o que afeta a privacidade e a segurança.

Pavilhão Carlos Ramos

O acesso implica uma pequena subida, mas a porta de entrada é larga. Existe uma casa de banho adaptada, porém em más condições de conservação: o rolo de papel higiénico está mal posicionado e a torneira de chão dificulta a utilização por pessoas com mobilidade



Fig. 26, 27 e 28.
Pavilhão Tecnologias, 2024
Cerâmica, 2025
Gravura e Fotografia, 2025



Fig. 29 e 30.
Pavilhão de Tecnologias de
Madeiras e Metais (site da
FBAUP)
Pavilhão de Escultura
e Pintura, 2024



Fig. 31.
Pavilhão Carlos Ramos,
2024

reduzida. No Piso 1, não existem casas de banho adaptadas, e algumas portas não dispõem de fechadura funcional.

Bar

O bar da faculdade apresenta um balcão elevado e porta de acesso ao jardim é pesada, o que dificulta a entrada e saída de pessoas com mobilidade reduzida.

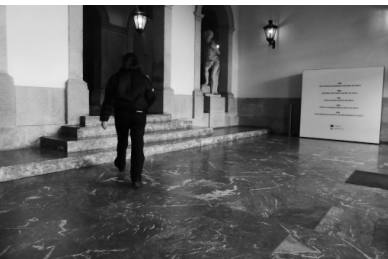


Fig. 32 e 33.
Bar, 2025
Edifício Central, 2025

Espaço de Exposições e Pavilhão Central (Entrada Principal)

O espaço de exposições inclui escadas logo à entrada, criando uma barreira de acesso ao público com deficiência. O pavilhão central, no piso superior, possui uma varanda ampla, mas o elevador estava inoperacional no momento do levantamento, comprometendo o acesso a essa área.

A entrada principal da FBAUP apresenta apenas escadas, e a porta é pesada, dificultando o acesso diário. Este espaço, central para a vida académica, onde se encontram os serviços académicos, secretaria e portaria, não está preparado para receber pessoas com mobilidade reduzida.

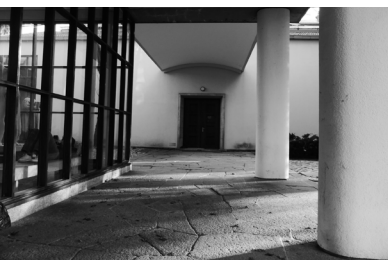


Fig. 34 e 35.
Jardim da FBAUP, 2025
Loja i2ADS (site livraria i2ADS)

Loja i2ADS

A loja do i2ADS não possui acesso adaptado, sendo inviável a entrada com cadeira de rodas, o que levanta questões significativas sobre inclusão e igualdade de acesso.

5. Considerações finais

O presente projeto procurou refletir, de forma crítica e sensível, sobre as barreiras à acessibilidade no ensino superior, tomando como estudo de caso a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Através de uma abordagem metodológica que articula investigação documental, recolha visual, entrevistas e prática artística, foi possível construir uma narrativa audiovisual que não apenas denuncia a persistência de obstáculos físicos e institucionais, mas também dá visibilidade às experiências vividas por estudantes com deficiência.

A realização do documentário representou mais do que a criação de um objeto artístico: constituiu uma ferramenta de escuta, empatia e ação. Através das imagens, dos testemunhos e da estrutura ensaística escolhida, procurou-se promover uma reflexão crítica sobre o modo como os espaços académicos continuam, em muitos casos, a excluir silenciosamente uma parte da sua comunidade. Esta exclusão não resulta apenas da ausência de rampas ou elevadores, embora esses elementos sejam concretos e visíveis, mas também de falhas estruturais de comunicação, planeamento, formação e escuta institucional.

Durante o processo de investigação, foi evidente que, apesar de alguns avanços legislativos e de iniciativas pontuais, persiste um obstáculo significativo entre o que é proclamado e o que é efetivamente garantido. A colaboração com projetos como o Ensino Superior + Inclusivo, bem como o contacto de especialistas como Célia Sousa, permitiram reforçar esta consciência e alargar o enquadramento crítico da investigação.

Este trabalho reafirma a convicção de que a acessibilidade não deve ser pensada como algo secundário ou um esforço adicional, mas sim como um princípio estruturante de qualquer instituição de ensino. A inclusão exige não apenas alterações físicas, mas também transformações culturais, pedagógicas e relacionais. Exige, sobretudo, o envolvimento ativo de toda a comunidade acadêmica.

Mais do que apontar falhas, este projeto pretendeu abrir caminhos para a escuta, para a mobilização e para o compromisso com uma universidade mais justa. A imagem, enquanto linguagem artística e documental, revelou-se um meio poderoso para tornar visíveis as ausências, provocar reflexão e levar à mudança.

Em última instância, espera-se que este trabalho possa contribuir para o debate e para a ação, incentivando outras instituições e investigadores a continuar a pensar, a criar e a transformar, com e para todos.

5.1. Perspetivas de desenvolvimentos futuros

Este projeto não se encerra com a entrega de um relatório nem com a conclusão de um documentário. Pelo contrário, representa o início de um percurso mais alargado de escuta, denúncia e construção coletiva em torno da acessibilidade no ensino superior artístico. A investigação realizada, bem como o processo criativo que a acompanhou, revelaram a necessidade de ampliar os formatos de comunicação e de diálogo com a comunidade académica, em particular com os próprios estudantes com deficiência.

Neste sentido, uma das perspetivas de desenvolvimento futuro consiste na realização

de uma exposição, que apresente um conjunto de imagens não incluídas no documentário, mas que integram o acervo visual produzido ao longo da investigação. A exposição poderá realizar-se na própria FBAUP, idealmente num espaço acessível, e funcionar como ponto de partida para conversas públicas, oficinas ou ações de sensibilização.

Outra vertente complementar consiste na escrita de uma carta aberta dirigida diretamente aos estudantes com estatuto de Necessidades Educativas Específicas da FBAUP. Esta carta já escrita no decurso deste projeto, pretende encorajar estes estudantes a não se calarem, a manterem-se firmes, a exigirem o seu lugar com dignidade e sem receio. A escrita desta carta é uma forma de dizer: “não estás só”, o seu objetivo é claro: reconhecer quem esteve invisível e lembrar que a mudança começa também com a coragem de falar.

Além da produção audiovisual e da investigação escrita, este projeto incluirá também uma vertente expositiva e gráfica, que procura ampliar o seu impacto junto da comunidade académica e do público em geral. Para isso, será criado um cartaz de divulgação do documentário, assim como bilhetes para futuras exposições do mesmo, materiais que reforçam a identidade visual do projeto e funcionam como ferramentas de comunicação, convite e partilha.

Estas ações futuras, ainda em fase embrionária, procuram expandir o campo de impacto do projeto, cruzando arte, investigação e ativismo. Acredita-se que, ao manter viva a escuta e ativa a criação, é possível contribuir para transformar a FBAUP e, quem sabe, outras instituições num espaço mais acessível, humano e plural.

6. Conclusão

A presente investigação teve como ponto de partida a constatação da ausência de acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, entendida não apenas como um problema, mas como uma manifestação concreta da exclusão institucional no ensino superior artístico. O projeto desenvolvido procurou, por meio de uma abordagem metodológica que articula investigação teórica, prática artística e recolha de testemunhos, dar visibilidade às barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência, reconhecendo o seu impacto direto na experiência académica.

Ao longo deste trabalho partiu-se da identificação de um problema concreto, a falta de acessibilidade na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, para o desenvolvimento de uma investigação que conjuga enquadramento teórico, levantamento visual e produção artística. O primeiro capítulo apresenta o tema, a motivação pessoal, a questão de investigação e os objetivos do projeto. O segundo capítulo explora os conceitos de inclusão e equidade no ensino superior, analisa o estado atual da acessibilidade em Portugal e discute o documentário enquanto ferramenta de sensibilização. O terceiro capítulo centra-se nas referências audiovisuais, nas opções metodológicas e nas colaborações que sustentaram o processo. O quarto capítulo documenta as várias etapas do projeto, desde a proposta de intervenção até às fases de produção e pós-produção do documentário, incluindo as notas sobre acessibilidade. Por fim, o quinto capítulo reúne as considerações finais e as perspetivas futuras, entre elas a realização de uma exposição complementar e o desejo de continuar a promover o debate sobre a inclusão no ensino superior artístico.

A realização do documentário, enquanto obra central do trabalho, revelou-se uma

ferramenta eficaz para mobilizar a atenção da comunidade académica e social, trazendo para o centro do debate realidades frequentemente invisibilizadas. Ao incorporar imagens de arquivo, registos visuais contemporâneos e narrativas pessoais, construiu-se um objeto audiovisual que não se limita à denúncia, mas propõe uma reflexão sensível e crítica sobre o espaço universitário, o direito à educação e a urgência de repensar os modos de inclusão e equidade.

A análise desenvolvida ao longo da tese, apoiada em dados estatísticos, quadros legislativos, entrevistas e referências audiovisuais, permitiu marcar um retrato abrangente da realidade vivida pelos estudantes com deficiência no ensino superior em Portugal. Verificou-se que, apesar de existirem avanços legais e iniciativas institucionais relevantes, persistem múltiplas fragilidades ao nível das práticas, das infraestruturas e das políticas de acompanhamento. O caso da FBAUP, aqui abordado em detalhe, ilustra de forma exemplar os contrastes entre discurso e prática, entre ideal normativo e realidade quotidiana.

Através deste trabalho, confirmou-se a importância do documentário enquanto ferramenta de intervenção social, capaz de mobilizar afetos, gerar empatia e estimular o debate público. A linguagem audiovisual mostrou-se particularmente eficaz para comunicar de forma acessível e impactante com públicos diversos, tornando-se também um meio de empoderamento dos próprios estudantes, que encontram no testemunho uma forma de reivindicação e agência.

Em última instância, esta investigação propõe-se não apenas como um contributo para o campo da acessibilidade no ensino superior, mas também como um apelo à ação coletiva. A transformação das instituições exige mais do que reformas pontuais.

Requer escuta ativa, compromisso político e práticas concretas que coloquem a equidade no centro da experiência académica. Este projeto é, por isso, um gesto de resistência e de esperança. Uma tentativa de tornar visível o que durante demasiado tempo permaneceu invisível, na expectativa de que o futuro da educação seja, de facto, para todos.

Procurou-se, pelo rigor metodológico adotado neste projeto, garantir a validade dos dados recolhidos e a consistência das análises realizadas. A sua contribuição social revelou-se significativa ao evidenciar problemas concretos de acessibilidade e ao dar voz às experiências reais dos estudantes. Por fim, o projeto demonstrou um potencial impacto institucional real, oferecendo recomendações práticas capazes de orientar mudanças estruturais e promover uma maior inclusão no ensino superior.

Link do documentário *Também sou Artista!*

<https://youtu.be/Pswxo-6deLQ>

Bibliografia e sites consultados

Acesso Cultura. (2022, 23 de maio). Semana Acesso Cultura 2022. <https://acessocultura.org/sac2022/>

Acesso Cultura. (2022, 16 de janeiro). 2022. <https://acessocultura.org/2022-2/>

Acesso Cultura. (2023, 10 de janeiro). Acesso Cultura: 10 anos. <https://acessocultura.org/acesso-cultura-10-anos/>

Associação Salvador. (2023, 25 de outubro). Manual para pessoas com deficiência motora. <https://associacaosalvador.com/projeto/manual-para-pessoas-com-deficiencia-motora/>

Aufderheide, P. (2007). Documentary Film: A Very Short Introduction. Oxford University Press.

Bruzzi, S. (2006). New Documentary: A Critical Introduction. Routledge.

DGEEC. (2023). Inquérito às Instituições de Ensino Superior sobre a inclusão.

Capacitismo: o que é, como combater e por que é tão importante falar sobre o tema. (n.d.). Ministério Dos Direitos Humanos E Da Cidadania. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/capacitismo-o-que-e-como-combater-e-por-que-e-tao-importante-falar-sobre-o-tema>

DGEEC. (2024). Portugal – Educação em números 2024. <https://www.dgeec.medu.pt/api/ficheiros/66223f9987a436c686ca2458>

Decreto-Lei n.º 54/2018 - Educação inclusiva - DGE. (2025, 2 de abril). <https://www.dge.mec.pt/noticias/decreto-lei-no-542018-educacao-inclusiva>

Ensino Magazine. (2022, 10 de novembro). Célia Sousa defende formação obrigatória em deficiência para todos os professores. <https://ensino.eu/2022/11/10/formacao-deficiencia-obrigatoria-celia-sousa/>

Facebook. (n.d.). MEMÓRIAS DA ESBAP/FBAUP. <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064653971452&sk=photos>

Guia do Estudante Universitário com Deficiência. (s.d.). Ensino Superior + Inclusivo. Acedido a 06 dezembro 2025, em <https://linktr.ee/ensinosuperiormaisinclusivo>

GTAEDES. (2025). Inclusão e acessibilidade no Ensino Superior. <https://www.gtaedes.pt/>

Instituto Federal da Paraíba. (n.d.). Alguns conceitos ligados à inclusão: Barreiras atitudinais. <https://www.ifpb.edu.br/assuntos/fique-por-dentro/alguns-conceitos-ligados-a-inclusao-ii-barreiras>

Jornal de Notícias. (2024). Dados do Ministério da Educação e Ciência sobre o contingente especial

Nichols, B. (n.d.). Documentary types. In W. Rothman, J. Grierson, E. Barnouw, M. Renov, B. Nichols & D. Ludvigson (Eds.), *The Documentary Film Book*

NiT. (2024). AMPLA: o festival de cinema verdadeiramente inclusivo está de regresso a Lisboa. <https://www.nit.pt/cultura/cinema/ampla-o-festival-de-cinema-verdadeiramente-inclusivo-esta-de-regresso-a-lisboa>

Observatório da Deficiência e Direitos Humanos. (2024). Pessoas com deficiência em Portugal: Indicadores de direitos humanos 2024. ISCSP – Universidade de Lisboa.

Politécnico de Leiria – Projeto de Leitura Inclusiva Partilhada (2025). O Dia Mágico do Pipo [Livro multiformato]. https://www.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2025/05/livrocriidbrasil2_2_25.pdf

Porto, U. do. (2021). Edifícios. *Www.up.pt*. <https://www.up.pt/fbaup/pt/a-fbaup/campus/edificios/>

Revista Letras. (2024). Educação inclusiva no ensino superior português: avanços, desafios e medidas de apoio para estudantes. Universidade do Porto. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/13835>

Rosenthal, A., & Corner, J. (Eds.). (2005). *New Challenges for Documentary* (2.^a ed.). Manchester University Press.

Santos, V. (2025, 18 de abril). Em cinco anos, o número de alunos do ensino

superior com necessidades especiais duplicou. Público. <https://www.publico.pt/2025/04/18/sociedade/noticia/cinco-anos-numero-alunos-ensino-superior-necessidades-especiais-duplicou-2130162>

SIC Notícias. (2023, 3 de dezembro). Prémio internacional distingue trabalho de Célia Sousa em prol da inclusão. <https://sicnoticias.pt/especiais/inclusao/2023-12-03-premio-internacional-distingue-trabalho-de-celia-sousa-em-prol-da-inclusao>

Sousa, C. (2023). Perfil institucional da coordenadora do CRID. Centro de Recursos para a Inclusão Digital, Politécnico de Leiria. <https://crid.ipleiria.pt/sobre/>

Turismo de Lisboa. (2025, 14 de fevereiro). AMPLA - Mostra de cinema inclusiva'25. <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/eventos/ampla-mostra-de-cinema-inclusiva-1>

Wikipedia. (2024). High School (1968 film). Recuperado em junho de 2025, de [https://en.wikipedia.org/wiki/High_School_\(1968_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/High_School_(1968_film))

Winston, B. (Ed.). (2013). The Documentary Film Book. Palgrave Macmillan.

Apple TV. (2022). Severance — Official Trailer | Apple TV [YouTube Video]. In YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=xEQP4VVuyrY>

Frederick Wiseman (Realizador). (2025). High School. Stremio. <https://web.stremio.com/#!/detail/movie/tt0064429/tt0064429>

Koretzky, A. (Realizadora). (2018). A volta ao mundo quando tinhas 30 anos [Filme documentário]. C.R.I.M. Produções Audiovisuais. <https://zeroemcomportamento.org/filmes/a-volta-ao-mundo-quando-tinhas-30-anos/>

Newnham, N., & LeBrecht, J. (Realizadores). (2020). Crip Camp: A Disability Revolution. Netflix.

NV DD Council (NGCDD). (2024, December 13). Our World In Our Words I Documentary Short [YouTube Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=73U2OnhSehs>

Olhar. (2024, August 19). Assexybilidade I Trailer Oficial [YouTube Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=vlg2RN32Qvs>

Universal Pictures UK. (2014). The Theory of Everything - Official Trailer (Universal Pictures) HD [YouTube Video]. In YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Salz7uGp72c>

Eventos relacionados com a inclusão

AccessibleEU European Event – Accessibility and Higher Education

Realizado no dia 30 de novembro.

Dia Internacional da Pessoa com Deficiência

Evento organizado pelo Instituto Superior de Gestão (ISG)

Realizado no dia 3 de dezembro.

Webinar e lançamento do Guia para Estudantes Universitários com Deficiência

Realizado online no dia 10 de dezembro.

3.º Seminário Internacional do Núcleo de Estudos da Deficiência

Organizado pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE).

Realizado no dia 6 de março.

Workshop sobre Diversidade, Equidade e Inclusão

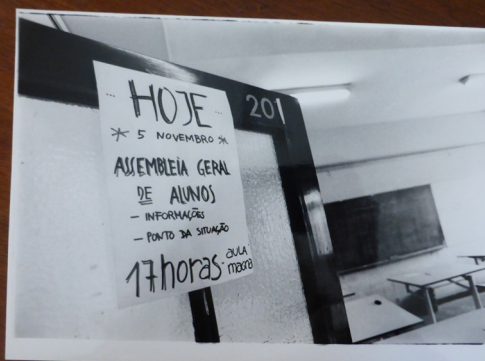
Integrado na Academia RotaEco 2025.

Realizado no dia 25 de março

Anexos

Imagens de arquivo fotográfico da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto cedidas pela própria faculdade e pela Casa da Imagem.

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto





Casa da Imagem







Também sou Artista!

Caso de Estudo na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Joana Baptista Rodrigues Gonçalves Almeida

Relatório de projeto para a obtenção do grau de mestre em Design de Imagem,
realizado sob a orientação do Professor Doutor Vítor Almeida.

2024/2025